

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUÍSA ALMEIDA DE PAULA

**A CONSTRUÇÃO DA MINEIRIDADE PELO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO:
COMO O CLUBE EXPRESSA UMA DADA IDENTIDADE MINEIRA EM SEUS
TORCEDORES**

VITÓRIA

2021

LUÍSA ALMEIDA DE PAULA

**A CONSTRUÇÃO DA MINEIRIDADE PELO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO:
COMO O CLUBE EXPRESSA UMA DADA IDENTIDADE MINEIRA EM SEUS
TORCEDORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Ueber José de Oliveira.

VITÓRIA

2021

LUÍSA ALMEIDA DE PAULA

**A CONSTRUÇÃO DA MINEIRIDADE PELO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO:
COMO O CLUBE EXPRESSA UMA DADA IDENTIDADE MINEIRA EM SEUS
TORCEDORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovado em ____ de _____ de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ueber José de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Edna e Delson, por todo empenho, amor e dedicação durante esses quatro anos de graduação. Nada disso seria possível sem vocês. Devo tudo a vocês!

À Júlia, pelo estímulo e ajuda e por tudo que vivemos, só nós duas, em Vila Velha, levo comigo. Você foi casa! Oro e agradeço a Deus por ter você.

À Bruna, pela amizade e momentos de descontração, tão importantes durante esse tempo. Amo você.

Em especial, agradeço às minhas tias Roberta, Giselle e Rosaly, que sempre torceram e me incentivaram, principalmente nesses anos finais da graduação e produção do TCC. Amo vocês.

Ao meu professor e orientador, Ueber José de Oliveira, o flamenguista mais enjoado que já conheci. Obrigada pela orientação, por acreditar em mim e pela amizade. Minha graduação foi especial porque pude ter o privilégio de ter você como professor.

Aos amigos da História UFES 2017/1, em especial Julyano, Leandro, André, Mariana e Laura, obrigada pela amizade e por aguentarem meus surtos. Vocês são incríveis e guardo todos em meu coração.

Aos demais amigos que a História me apresentou, Pamela, Eliza, Karol e Dani, vocês ajudaram a deixar a caminhada mais leve. Obrigada por todas as orações e momentos incríveis que passamos juntos. Amo vocês.

Aos amigos que a Primeira Igreja Batista da Praia da Costa me apresentou, minha querida célula Bereanos, Kíssila, Felipe, Benício e Beatriz, vocês são resposta de oração na minha vida. Sem vocês, seria bem mais difícil e cansativo. Obrigada por serem quem são, por serem casa, por toda ajuda e hospitalidade.

Aos amigos Brendinha e Gabriel Duarte, obrigada por tanto.

Aos atleticanos e amigos do Twitter, que em tanto me ajudaram na busca de fontes e materiais de pesquisa, principalmente ao Diego Martins do Galo Memória, o trabalho deve muito a vocês!

Aos demais amigos e familiares, obrigada e obrigada. Amo cada um de vocês.

Agradeço à Universidade Federal do Espírito Santo pelos últimos quatro anos. Receberam uma mineira bairrista de braços abertos, se tornando centro de memórias lindas que carrego comigo.

Agradeço ao Clube Atlético Mineiro, ao Galo. Das melhores coisas da minha vida, ser atleticana é uma das maiores honras e conquistas. Vai pra cima deles!

E por fim, devo inteiramente a Deus, autor e consumidor da minha fé, o escritor da minha história, Pai presente. Graças te dou, todos os dias.

*Um brinde à liberdade,
algo que nunca poderão tirar de nós.
Hamilton, an American Musical.*

RESUMO

Este trabalho busca analisar como o Clube Atlético Mineiro usa elementos e símbolos próprios para expressar a mineiridade em seus torcedores. Conceituando o futebol como um fenômeno cultural e identitário, pretendemos traçar um paralelo entre a construção de identidades dentro da prática desportiva e o processo de formação da mineiridade dentro do clube em apreço. Aprofundamos nos estudos sobre identidade e comunidades imaginadas para Stuart Hall e Benedict Anderson, respectivamente; as reflexões acerca da mineiridade; analisamos o futebol como construtor de identidades; investigamos a história de Belo Horizonte e, por conseguinte, Minas Gerais, a fim de situar o Atlético em um tempo-espaço próprio. A fim de se obter melhores resultados da relação entre mineiridade e o Atlético, avaliamos a relação deste com os meios informativos, principalmente o perfil oficial do instagram; foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica nas principais enciclopédias do clube e jornais do período estabelecido. Por meio da apreciação de categorias institucionais, dentre elas o nome do clube, o mascote oficial e o hino, juntamente com os processos históricos nos quais o clube esteve envolvido, buscamos examinar a hipótese de que o Atlético apresenta-se como o formador da mineiridade em seus torcedores e torcedoras. Não apenas buscamos explicar o fenômeno identitário do torcedor do Atlético, como também, pretendemos entender a vinculação da mineiridade na institucionalidade do clube.

Palavras-chave: Identidade. Mineiridade. Clube Atlético Mineiro. Futebol. Minas Gerais.

ABSTRACT

This research aims to analyze how Clube Atlético Mineiro makes use of its own elements and symbols towards fostering the “mineiridade” among its supporters. By conceptualizing football as a phenomenon that comprises culture and identity, the intent is to draw a parallel between the construction of identities within sports practice and the process of formation of “mineiridade” within the team under consideration. By delving deeper into Stuart Hall and Benedict Anderson’s studies on identity and imagined communities respectively; pondering about “mineiridade”; analyzing football as an identity builder; investigating the history of Belo Horizonte City and, consequently, Minas Gerais State, the aspiration is to situate Atlético in its own time-space frame. In order to obtain better results from the relation between “mineiridade” and Atlético, the relationship of the team with informative media was analyzed, primarily its official Instagram account; also a documentary and bibliographic research was carried out on the main encyclopedias of the team and newspapers of the stated time-frame. Through the assessment of institutional categories, including the team’s name, the official mascot and anthem, alongside with the historical processes in which the team participated, the endeavor is to explore the hypothesis that Atlético presents itself as the nurturer of the “mineiridade” identity among its fans. The ambition of this dissertation unfolds towards not only explaining the identity of Atlético fans, but also to understand the association of “mineiridade” within the team’s institutional framework.

Keywords: Identity. Mineiridade. Clube Atlético Mineiro. Football. Minas Gerais.

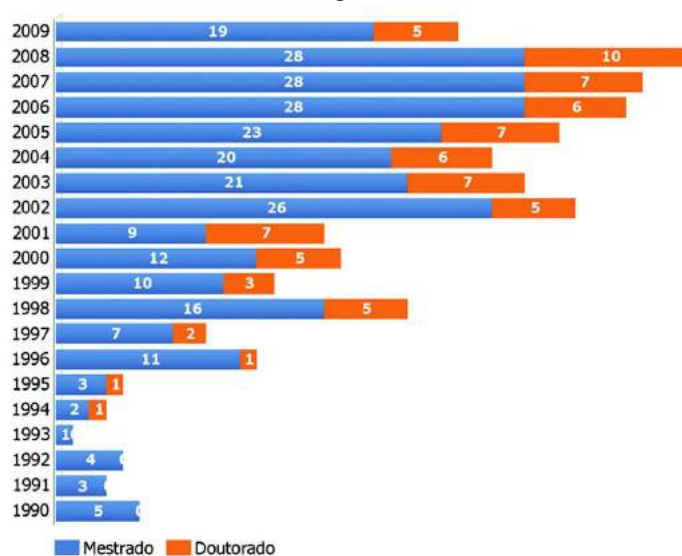
SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 – O conceito de identidade	14
1.1. Identidades regionais: a mineiridade em análise	18
1.2. O futebol como construtor de identidades	23
Capítulo 2 – O futebol em Belo Horizonte e o contexto mineiro.....	27
2.1. A fundação do Clube Atlético Mineiro	33
2.2. A construção da mineiridade no Atlético durante as décadas de 1930 a 1970	37
2.3. Consolidando a mineiridade: uma análise do Instagram oficial do Atlético.....	50
Considerações finais	68
Referências bibliográficas	70

INTRODUÇÃO

Acreditar que a pesquisa acadêmica sobre futebol no Brasil é escassa e rasa é negligenciar toda a produção e intercâmbio de informações que ocorrem no Brasil desde a década de 70. As publicações sobre futebol deixaram de ser um assunto superficial e passou a configurar os principais grupos de estudos e programas de mestrado e doutorado no país. Tem-se visto historiadores, sociólogos, antropólogos e demais estudiosos brasileiros e brasileiras focando o futebol como um fenômeno do ponto de vista histórico, político e social. Toledo (2001) afirma que o futebol permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos. Assim, enxergando o esporte com um viés político e sociológico, rebatendo a crítica de que o futebol é o ópio do povo e contrariando a noção de ser uma alienação, as pesquisas acadêmicas inflamaram e tiveram seu ápice a partir de 1990.

Figura 1



Trabalhos sobre futebol realizados no mestrado e doutorado ano a ano¹.

Até o final dos anos 1970, as histórias do futebol brasileiro eram basicamente escritas fora da academia, principalmente por jornalistas e ex-atletas. Após esse período, o tema passou a interessar às ciências sociais e humanas. Primeiramente, atraindo a atenção de sociólogos e antropólogos e, posteriormente, de historiadores (SANTOS; DRUMOND, 2012).

As pesquisas se tornaram mais sistemáticas sobre o futebol. Segundo Luiz Henrique (2001), o futebol é visto como um prática cultural que reúne muitos dos níveis, temas e

¹ GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). Revista de História. São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010.

dimensões das sociedades contemporâneas, como o embate dos interesses políticos, modelos de organização social, interesses econômicos, discriminação racial e violência urbana. Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari, em artigo publicado pela Revista de História em 2010, traçam um panorama sobre a produção das ciências humanas sobre o futebol no Brasil, delimitada em um período de 19 anos, entre 1990 a 2009. De acordo com os estudos, chegaram à conclusão de que mesmo que “grande parte da produção brasileira tenha se concentrado no período entre 1990 e 2009, as primeiras contribuições dentro das ciências humanas para o estudo do futebol datam da década de 1940” (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010). Isso pode ser ratificado por Mário Filho, consagrado jornalista esportivo do Brasil, que escreve sua mais famosa obra *O Negro no Futebol Brasileiro em 1947*, sobre as características sócio-políticas que fazem do futebol brasileiro um futebol singular e particular do nosso país. Para ele, “o futebol não seria uma paixão do povo se os sujeitos não se identificassem com um time; quem torce em futebol está ligado, irremediavelmente, ao seu clube, para o bem ou para o mal, para a felicidade ou para a desgraça” (FILHO, 2003). Obra fundamental no universo da produção acadêmica sobre futebol, *O Negro no Futebol Brasileiro*, já na década de 40, traz essa visão politizada e sociológica sobre o esporte que Giglio e Spaggiari nos falam.

Para além das pesquisas acadêmicas como a produção de teses de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorados e livros, muitos trabalhos foram desenvolvidos por grupos de pesquisas, que tiveram sua relevância a partir dos anos 2000 (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010). Universidades públicas e privadas foram tomadas por trabalhos e núcleos que têm no futebol seu principal objeto de estudo. Vale a pena aqui citar algumas, como o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade, fundado em 2005; Laboratório de História do Esporte e do Lazer, de 2006; Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol, de 2006, a GeFut (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, também de 2006 e mais. São nesses grupos que a temática se torna mais sistêmica, indo de contra ao pensamento hegemônico do esporte que aliena a população - pensamento ainda presente dentro das universidades. Ainda segundo Giglio e Spaggiari (2010), a produção existe, necessitando haver uma maior divulgação e intercâmbio das informações, dos trabalhos produzidos e dos grupos consolidados que se propõem a discutir e pesquisar sobre o tema.

Sobre uma possível falta de bibliografia e referencial teórico sobre a temática futebolística, Toledo (2001) é incisivo em sua fala:

Já há algum tempo que as dissertações e as teses que tratam da dimensão esportiva não fazem mais a ressalva de que o assunto carece de bibliografia consistente. Esta ressalva, convertida muitas vezes em falta de cuidado ou despreparo na revisão bibliográfica, foi pega de surpresa na última década com o boom de trabalhos sobre

os esportes no Brasil e a consolidação no meio acadêmico de áreas que deram um tratamento menos esporádico ao tema (TOLEDO, 2001, p. 135).

Revistas e periódicos eletrônicos, grupos de pesquisas, seminários, livros, *sites* e conteúdos audiovisuais são as novas formas e plataformas para as quais a produção acadêmica sobre futebol têm migrado nos últimos anos, mesmo distante de uma visibilidade merecida pela importância do tema no Brasil (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010). Os exemplos são inúmeros: o Ludopédio², é o maior portal de produção e divulgação científica sobre futebol da América Latina. Em 2018, tivemos a primeira edição do Encontro Nacional de Historiadores do Esporte, no Rio de Janeiro. A *Revista USP* publica o Dossiê Futebol, logo após o término da Copa do Mundo de 1994, esgotando rapidamente e sendo responsável por trazer uma visibilidade muito maior à temática futebol dentro das ciências humanas a ponto de Giglio e Spaggiari concordarem que as produções anteriores à publicação do Dossiê Futebol é incipiente e isolada (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010). Como também, a Universidade do Futebol³, uma universidade pioneira, referência brasileira e mundial em estudos, pesquisas e práticas de qualificação profissional e excelência no futebol.

Mesmo com algumas produções sobre futebol datada da década de 40, é a partir de 70 e 80 houve uma maior sistematização dos estudos em torno do fenômeno esportivo. Luiz Henrique de Toledo concorda.

No Brasil, é somente a partir dos anos de 1980 que se verifica o aparecimento de um conjunto mais sistematizado de estudos em torno de um modelo singular, voltado para o fenômeno esportivo, particularmente sobre a modalidade futebol (TOLEDO, 2001, p. 142).

O futebol se torna uma rica fonte de estudos e produções acadêmicas por reunir em si várias camadas e níveis da sociedade contemporânea. Por ser um esporte que, desde sua origem, envolveu a luta entre as classes mais pobres e a elite, que separou negros e brancos e que, hoje, lida com uma intensa e desigual globalização, as pesquisas se debruçam à entender como um esporte pode movimentar tantas tensões e debates mesmo após 200 anos de sua origem. Mesmo visto por uma grande parcela da população como um esporte que é, de fato, alienador e o ópio do povo, ele ainda serve para explicar a dinâmica histórico-estrutural de diversos problemas nacionais. Concordamos com Toledo (2001) em sua análise de que não se trata de ler o Brasil pelo futebol, mas sim, ler também o futebol pela sociedade brasileira, nas suas múltiplas dimensões. E é nessa leitura que as produções acadêmicas têm se desdobrado. O futebol como objeto de estudo das produções acadêmicas têm uma visão de que não são

² Para visitar: <https://www.ludopedio.com.br/>

³ Para visitar: <https://universidadefutebol.com.br/>

meros subprodutos desses processos mais globais, mas fazem parte deles de modo inter-relacionado, havendo um profundo entrelaçamento entre as configurações sociais, políticas e econômicas (TOLEDO, 2001). Assim, percebe-se que a produção sobre futebol no Brasil está longe de ser escassa, necessitando sim, um maior diálogo e abertura sobre o tema; é um fenômeno cultural e, portanto, merece ser visto e estudado como tanto.

O futebol é uma forma de manifestação cultural que está inserida no imaginário coletivo. Criado pelos ricos, tomado pelos pobres e, agora, enfrentando um processo de retomada pela elite capitalista, o futebol tornou-se um complexo caso de estudo social. Krause (2010) afirma que além de possuir um papel integralizador, o futebol expressa algumas questões importantes para compreendermos um pouco mais de nós mesmos. Partindo dessa análise, percebemos o porquê das pesquisas e estudos sobre o esporte terem aumentado: é um forte construtor de identidades.

A dimensão cultural do futebol advém da sua capacidade de pôr as pessoas em relação umas com as outras, de instaurar momentos de sociabilidade e de convívio, levando as multidões a encontrarem-se no estádio e a experimentarem mesmo a transgressão da vida ordinária. É principalmente enquanto lugar de convivência e enquanto manifestação dos estilos de vida de um povo que o futebol se reveste de uma profunda dimensão cultural (KRAUSE, 2010, p. 43).

É uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós (DAMATTA, 1994). Por ser um fenômeno cultural que lida com os sentimentos das massas e das elites, tornou-se rapidamente uma atividade que evoca e intensifica a formação de identidades. Segundo DaMatta (1994), se tornou uma paixão das massas e um acontecimento festejado e amado pelo povo, onde o vitorioso não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor, não deve ser humilhado. Destarte, entender e examinar a sociedade brasileira pela ótica do futebol se torna necessária, uma vez que o esporte bretão mexe diretamente com pessoas e culturas. O futebol promove uma série de identidades: a identidade pessoal ou individual, ao permitir que cada um tenha o direito de escolher um clube, time ou ídolo esportivo; e a identidade coletiva, que iguala os torcedores em um mesmo clube.

Diante disso, em nossa pesquisa, trabalhamos o futebol como um construtor de identidades, tendo como objeto de estudo o Clube Atlético Mineiro como o fomentador da identidade regional mineira nos torcedores. Pesquisas sobre futebol, como afirmado acima, tem crescido no meio acadêmico pelo fato do futebol ser visto como a representação da vida social brasileira, um meio de entender a realidade e o contexto do país, neste caso, entender a realidade e o contexto da mineiridade expressa em um clube de futebol. De fato, muitas são as

pesquisas que abordam o aspecto da identidade no futebol. A originalidade desta se faz, justamente, em relacionar o conceito de mineiridade em um clube de futebol específico, o Atlético. Não somente, a pesquisa busca conceber o clube como o construtor da própria identidade, como o agente principal. Todo clube de futebol possui uma narrativa que estrutura seu referencial de identidade. Para tanto, estudamos o clube desde sua fundação na cidade de Belo Horizonte até o ano de 1971, quando o clube sagrou-se campeão brasileiro.

Buscamos entender o Clube Atlético Mineiro, tradicional instituição desportiva de Minas Gerais, como um construtor e fomentador de uma identidade regional em seus torcedores. Para tanto, alguns conceitos sobre identidade, mineiridade, comunidades e futebol serão trabalhados separadamente e conciliados ao longo do trabalho. Iremos focar em entender esses termos; contextualizar a fundação do clube com a criação de Belo Horizonte, crescendo concomitantemente; estudar o Clube Atlético Mineiro, nosso objeto de estudo, sua fundação e ascensão no estado e país e, por fim, associá-los para a viabilização da hipótese principal: o Atlético expressa a mineiridade nos torcedores.

Nossa pesquisa contou com alguns nortes para sua elaboração. Além da leitura e estudo da extensa e qualificada bibliografia, examinamos a fundo o clube e sua institucionalidade como um todo: títulos, personagens históricos, patrimônio cultural e físico, entre outros. Fizemos, também, uma análise semiótica do perfil oficial do Atlético no Instagram, no período de dez meses, que corresponde ao tempo da produção dessa pesquisa, a fim de percebermos como o clube comunica a mineiridade nas publicações e posicionamentos digitais. Podemos dizer que a pesquisa contou com várias frentes de análise, não se restringindo apenas à bibliografia acadêmica.

Por fim, acreditamos que o Atlético é um digno representante de Minas Gerais e de uma mineiridade. Em seus elementos institucionais, simbolismos, conquistas, títulos, historicidade e plataformas oficiais, o clube está constantemente expressando o orgulho e a identidade mineira em seus torcedores, de forma direta ou indireta. Como diria Reinaldo, o maior ídolo da história do clube, o Atlético é o maior sentimento de Minas⁴.

⁴ Frase publicada no página do Facebook do Reinaldo há alguns anos. Não encontramos a publicação original, apenas uma postagem no Twitter da @grupagalo, coletivo feminista e anti-preconceito do Clube Atlético Mineiro. Disponível em: <https://twitter.com/grupagalo/status/977744897716473856?s=20>.

Capítulo 1 - O conceito de identidade

O conceito de identidade é demasiadamente complexo. Stuart Hall alega ser muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido (HALL, 2006). Em se tratando de identidade, não há uma conceituação fixa e imutável, isenta de revisões e debates. Devido a isso, vários são os escritores que se debruçaram nos estudos sobre o termo a fim de encontrar uma definição que fosse cabível e compreendesse todas as singularidades e particularidades do conceito. É pela diversidade de estudos e teses sobre identidade que podemos chegar em um ponto comum. Acreditamos na definição de que identidade é responsável pelo sentimento de pertencimento do indivíduo a grupos e comunidades por meio de ideias, discursos, símbolos e aspectos culturais. Identidade seria um sistema de representação cultural também, onde as pessoas não são apenas cidadãos de uma nação ou grupo, mas participam da *ideia* de nação. Identidade é a faculdade do indivíduo de se reconhecer a si mesmo e ao seu redor. Para Hilka Vier Machado (2003), a identidade é importante para compreender as práticas singulares e coletivas da sociedade. Machado ainda afirma que construir a própria identidade é um grande desafio, uma vez que é preciso encontrar o equilíbrio entre aquilo que somos e aquilo que os outros esperam que sejamos e acredita que é na interação com o outro que nós nos enxergamos.

Um autor que escreve sobre a identidade e suas diferenças conceituais é o britânico-jamaicano Stuart Hall em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006). Na obra, o sociólogo categoriza a identidade com base em três sujeitos históricos diferentes: o sujeito do iluminismo; o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Essa divisão ocorre porque, segundo Hall, os sujeitos ao longo da história perpassam diferentes sociedades, ocasionando na crise das identidades modernas, por conta dessas mudanças estruturais. Ou seja, o sujeito do Iluminismo tem uma ideia de si mesmo, do seu núcleo essencial, diferente do sujeito sociológico que, por sua vez, também se difere do sujeito da pós-modernidade.

O sujeito do Iluminismo é a primeira categorização que Stuart Hall nos apresenta. Esse indivíduo se localiza no tempo histórico do Iluminismo, onde a ciência, a razão e o humanismo estão em crescente valorização. Por conta desse contexto sócio-político, o indivíduo é totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e de ação. O Iluminismo incluiu uma série de ideias centradas na razão, sendo esta a principal fonte de legitimidade e autoridade do sujeito, criando um senso de individualidade e racionalidade. Este sujeito acredita na centralidade e unidade do seu núcleo de essência; o

indivíduo, segundo Hall, já nasceria com o seu “eu” formado, sendo apenas desenvolvido durante o passar dos anos. Essa é uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade, uma vez que sua identidade é pautada em sua própria pessoa.

O sujeito sociológico é produto da primeira metade do século XX - a definição que iremos utilizar no decorrer da pesquisa -, surgindo juntamente com a complexidade desse mundo novo moderno. É um indivíduo que se vê em um contexto de organização política e econômica das sociedades que estão crescendo e se modernizando. É um período histórico marcado pelas grandes mudanças tecnológicas, políticas e sociais; o surgimento do nacionalismo se dá neste período e o sujeito se vê envolvido em um cenário político cada vez mais global. Agora, ele tem consciência de que o seu núcleo interior, sua essência e o seu “eu” não são mais autônomos e autossuficientes, mas sim, formado na relação deste com outras pessoas que lhe são importantes. Com essa relação com o outro, o sujeito sociológico da modernidade adquire seus valores, sentidos e símbolos - sua cultura - do mundo em que habita. Hall defende esse conceito como uma concepção interativa: a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Não abre mão de seu núcleo essencial e particularidades, mas esses vão se formando e se modificando a partir do diálogo com os mundos culturais exteriores a ele. É uma identidade que costura o sujeito à estrutura social e cultural que habita (HALL, 2006). A identidade do sujeito sociológico é responsável por preencher o espaço entre o indivíduo no seu mundo pessoal e o mundo público.

Por fim, Stuart Hall nos apresenta a terceira categorização dos sujeitos e identidades: o sujeito pós-moderno, a partir da segunda metade do século XX, em voga atualmente por conta da intensa globalização. Esse sujeito não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente: tudo muda. Hall acredita que as identidades na pós-modernidade “estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (HALL, 2006). O indivíduo assume diferentes identidades em diferentes momentos; as identidades não são unificadas ao redor de um “eu” coerente e coeso pois são contraditórias, deslocadas. De uma forma prática: o indivíduo pode se identificar de uma determinada forma e, diante de um novo contexto e realidade, pode passar a se identificar de outra forma. Hall, no entanto, adverte, alegando que essa identidade volátil não é necessariamente algo ruim, mas sim que essas articulações permitem criar novas identidades no mundo e novos sujeitos.

Portanto, pelas categorizações de Hall, identidade é o conjunto de características que definem o “eu” do indivíduo e como este se relaciona com sua cultura. Outras definições de identidade também nos interessam para a presente pesquisa: a identidade pessoal, a cultural e a nacional.

A identidade cultural é o sentimento de pertencimento que um indivíduo ou grupo tem diante de uma sociedade. É o conjunto de características de um povo num sentido mais macro: ela identifica as tradições, a cultura (conjunto de símbolos e elementos de um povo), a religião, a música, o modo de falar e os hábitos que representam uma nação. As identidades culturais são oriundas da cultura em que vivemos, nos estabelecemos e nos relacionamos. Stuart Hall (2006) escreve que as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural, que recorremos a elas como se fossem parte de nossa essência.

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p. 59).

A identidade pessoal está ligada a uma construção individual do conceito de si (HILKA, 2003). A identidade pessoal é construída na interação e relação com o outro mas, ao contrário da identidade social, ela diz respeito à existência, experiência e vivência do próprio indivíduo; de como o indivíduo se enxerga em si mesmo. Não se deve confundir a identidade pessoal e social: embora reunidos fisicamente, o grupo e o “eu” são vivências separadas e singulares (HILKA, 2003). A identidade pessoal diz respeito, justamente, à essa vivência pessoal e particular do sujeito. É a construção do auto-conceito ao longo da vida do indivíduo; ocorrendo em todas as fases da vida; conformação do eu em direção do processo de individuação (HILKA, 2003).

Por fim, a identidade nacional é uma representação (ANDRADE, 2010). É o conceito que sintetiza um conjunto de sentimentos que fazem o indivíduo sentir-se parte integrante de uma sociedade ou nação. Ao contrário da identidade cultural e social, ela é uma representação, um discurso construído para homogeneizar uma população, homogeneizar as diferentes identidades - e aí abrange as identidades culturais e sociais. Ela não busca identificar o sujeito em sua cultura nacional, nem identificá-lo em grupos sociais, mas sim, homogeneizar todos os indivíduos e suas respectivas identidades em um mesmo propósito e ideal político. A identidade nacional seria uma representação por ser construída e viabilizada por grupos que possuem interesses em impor a sua visão ideológica (ANDRADE, 2010). É um conceito político-ideológico de identidade ao ser trabalhado para unir uma população em um mesmo ideal, sentimento. Isso pode ser ratificado no próprio projeto político do Brasil após a Proclamação da República: foram buscados elementos e significados na história do

país que pudessem unir todo o contingente populacional em um mesmo sentimento, neste caso, a figura de Tiradentes defensor da República.

O termo identidade Nacional tem gerado várias divergências entre os estudiosos da área, alguns advogarão a sua objetividade, ou seja, para eles, identidade nacional seria um elemento imutável, integrador, para outros, identidade nacional seria algo subjetivo, sendo assim, construído, transformado, podendo um mesmo indivíduo se sentir fazendo parte de diversas identidades e a qualquer momento se desvincular de uma delas; é por esta concepção subjetiva de identidade, que podemos situá-la como uma representação (ANDRADE, 2010, p. 3).

Grosso modo, a identidade nacional diz respeito à ideia de nação, ou seja, uma identidade que se expressa como um verniz cultural edificado por ocasião da formação de um determinado Estado nacional - tal como ocorreu com a narrativa saquarema. Enquanto a identidade cultural diz respeito a uma dada cultura.

Além da conceituação de identidade propriamente dita, alguns intelectuais também entendem que é preciso falar do processo de identificação. Se a identidade é construída e formada, como é esse processo? Além do sociológico Stuart Hall, os dois psicanalistas Sigmund Freud e Jacques Lacan acreditam que a identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, não é algo inato que existe conscientemente no momento do nascimento. Para eles, o processo de identificação é contínuo; são contrários ao conceito do sujeito racional provido de uma identidade fixa e unificada. Hall (2006) defende que ao invés de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento.

A leitura que pensadores psicanalíticos, como Jacques Lacan, fazem de Freud é que a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade. Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, mas é formada em relação com os outros; especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras paternas e maternas” (HALL, 2006, p. 37).

Por fim, nos é válido entender que as identidades servem como forma de representação e identificação do sujeito de forma pessoal e coletiva. As identidades, por mais complexas e pouco compreendidas que possam ser, segundo Stuart Hall, nos ajudam a localizar o indivíduo em um tempo-espaço específico e em uma cultura específica. O processo de identificação que Lacan, Hall e Freud estudam, também nos ajudam a analisar esse tempo-espaço no qual o sujeito se encontra. Diante disso, pela faculdade de estudar tempos-espaços específicos, a presente pesquisa leva em consideração o sujeito sociológico de Stuart Hall, que se temporaliza no início dos anos 1900 até a década de 70, para compreender a identidade do torcedor do Atlético Mineiro - de uma forma interativa - neste

tempo e na espacialidade de Minas Gerais. Para tanto, é preciso voltarmos às categorizações identitárias e captar o fenômeno da mineiridade.

1.1 Identidades regionais: a mineiridade em análise

José Carlos Reis, em seu livro *As identidades do Brasil 3: de Carvalho a Ribeiro* afirma: “é um trabalho difícil e necessário de elaboração da identidade mineira” (REIS, 2017). Concordando com o autor acerca da responsabilidade e da difícil missão de elaborar o conceito da mineiridade, não buscamos aqui criar mais uma definição, mas sim, entender que mineiridade é essa e como ela é expressada. Como ponto de partida para analisar o presente conceito, é importante ir às fontes, com suas diferentes definições e significados. Fernando Correia Dias em *Mineiridade: construção e significação* atual escreve: “em que consiste a mineiridade? Trata-se de uma constelação de atributos consignados aos habitantes desse território, tanto a título individual como coletivo (DIAS, 2011). Para início, antes de entrarmos mais a fundo no conceito de mineiridade, é preciso entender esse território e esses habitantes. O que é Minas Gerais, o que são os mineiros e o que é a mineiridade? Começemos por entender o que é esse estado que dá origem à toda mineiridade.

Guimarães Rosa, em texto publicado na revista *O Cruzeiro*⁵, em agosto de 1957, escreve: “Minas, a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas a gente não sabe”. O escritor mineiro faz uma declaração de amor ao seu estado natal, palco de sua grande obra *Grande Sertão: Veredas*, ao exaltar essa Minas que olhamos e sentimos, mas não sabemos. Não sabemos o que é essa Minas Gerais, como defini-la e entendê-la. E esse não saber pode estar ligado a diversos motivos: a grande barca cultural, o aspecto geográfico heterogêneo, pelos processos históricos. Minas é difícil de decifrar e entender por ser composta de várias Minas, por ser uma encruzilhada: “são tantas Minas e, contudo, uma” (apud Araújo, 1974). Eduardo Frieiro, escritor mineiro do século passado, também toca no ponto abordado por Guimarães: “o território mineiro é plural e heterogêneo; não há um ‘povo mineiro’, mas ‘povos mineiros’” (apud Araújo, 1974).

Oliveira Viana, historiador e sociólogo brasileiro, tem outra visão sobre o estado, um olhar doméstico de Minas Gerais: “aquela que se reúne em torno da mesa familiar para compartilhar o pão da amizade” (VIANA, 1921). Para o intelectual, Minas é sinônimo de relações sociais, do litúrgico compartilhamento de pão. Aqui, a análise do estado mineiro não

⁵ Texto publicado na revista “O Cruzeiro”, em 25 de agosto de 1957. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://www.revistabula.com/21511-a-declaracao-de-amor-de-guimaraes-rosa-a-minas-gerais/&sa=D&source=editors&ust=1618162723248000&usg=AOvVaw1pvJ_0EP_SdHmvpapdaEdo.

é sobre a pluralidade cultural e diversidade geográfica, mas sim, sobre o costume regional. Minas não é definida por ser “tantas Minas” ou não, mas pelas práticas culturais do mineiro. Neste ponto, Viana dialoga com Alceu Amoroso Lima em seu livro “Voz de Minas” (1983), uma das mais importantes obras sobre Minas Gerais e mineiridade:

A Minas cabe, pois, a missão de preservadora do passado, de reformada das influências cosmopolitas que vão levando o Brasil para o indistinto ou a servidão moral e finalmente de compensadora de todos os desequilíbrios extremistas (...) Minas não é o Brasil. Mas está naturalmente fadada a ser o centro de gravidade do Brasil. (...) Minas, enfim, é a Montanha, é o Centro, é o imã que atrai os brasileiros de todas as regiões, não só com aquela concentração geológica que faz das Gerais o mais rico centro telúrico de todo o Brasil, mas ainda aquele sortilégio afetivo, que o clima de Minas, o silêncio de suas cidades, o ritmo tranquilo de sua vida, a hospitalidade do seu coração e a palpitação humana de suas inteligências derramam em todos os corações (LIMA, 1983, p. 124).

Amoroso e Oliveira Viana estão trabalhando com uma visão romantizada e tradicional de Minas Gerais: o estado hospitaleiro, tranquilo, de afeto e relações humanas, onde reina a simplicidade do comum. Dessa forma, mineiridade também pode ser entendida como uma identidade que transmita todos esses atributos. No entanto, é interessante ver que a visão de Amoroso sobre Minas Gerais é distante da concepção de Guimarães Rosa e Eduardo Frieiro: para ele, Minas é portadora de uma só voz, sem variações internas e heterogeneidade. É uma voz uníssona. Nava (apud Araújo, 1974) concorda: “Minas é uma entidade una e indivisível, indelével, eterna”.

Para José Carlos Reis, Minas é composta por vozes. “Não há uma voz de Minas. Há muitas vozes, algumas dissonantes: o Triângulo, o Centro, o Sul, o Norte, a Mata. Minas é polifônica” (CARVALHO, 2005). O historiador, com essa definição, segue a mesma linha de Guimarães Rosa e Frieiro, ao simbolizar uma Minas heterogênea e cultural, mas sua análise foca justamente nessas vozes de Minas. São essas vozes que representam o estado e a mineiridade. Para ele, Minas tem várias vozes, mas três em destaque: a voz do ouro, a voz da terra e a voz do ferro.

A voz do ouro é a voz que marca o século XVIII e o sonho da liberdade, a voz do tempo inconfidente de Tiradentes e companhia. Expressa liberdade, democracia, o sonho pela revolução, a liberdade, a voz do povo. “Com o tempo inconfidente, Minas passou a representar a resistência à opressão, tornou-se solo onde se enraizava o sonho republicano brasileiro” (REIS, 2017). Tancredo Neves, ao tomar posse do governo de Minas Gerais, afirmou: “o primeiro compromisso de Minas é com a liberdade”. Para José Carlos Reis, essa não é a voz que melhor representa Minas e a mineiridade.

A segunda voz é a voz da terra, do século XIX e da tradição. É marcada pela ordem, equilíbrio, família e pela conservação. O tempo tradicional é marcado pela estabilidade: a mudança é morte. É expressa com moderação, trabalho e simplicidade, que surge juntamente com a consolidação do caráter mineiro, tendo como base o contexto rural e agrário. Para o autor, é a principal voz de Minas, a voz dominante, por simbolizar justamente essa ideia de tradição e conservação.

A terceira e última voz, que também não é a que melhor representa Minas e a mineiridade, é a voz do ferro, a voz do progresso. A voz do tempo moderno, firmada na figura de Juscelino Kubitschek e seu slogan “50 anos em 5”, que significa a modernização do país e do estado de Minas Gerais, baseada no modelo republicano americano: antirrural, urbano, industrializante, individualista, inovador, visionário. José Carlos e Carvalho (2005) acreditam que essa voz também é a voz antifamília, antitradição e que situa Minas Gerais em uma vocação nacional. Não é a Minas dos relacionamentos sociais e tradição, é a Minas moderna e intensa.

Minas Gerais são várias coisas. É um território plural, diverso, heterogêneo, cultural; pode ser vista como uma região polifônica ou uníssona; é tradicional, preza pela conservação e seus hábitos culturais. Possui vozes e diferentes formas de representação. A mineiridade que se origina de Minas Gerais vai ser incorporada por todos esses atributos. Mas quem é o habitante dessa terra?

Convencionou-se ver o mineiro estereotipado como aquele indivíduo pacato, desconfiado, calado.

O mineiro, filho das Alterosas, dessa região montanhosa cheia de depósitos minerais e vicejantes pastagens de gado, é sempre descrito como um tipo caladão e desconfiado, introvertido e austero, mas hospitaleiro, inteligente e bom; ele foi e continua sendo figura de primeiro plano na vida política e cultural do país (Heron de Alencar, “Minas Gerais”. *Verbete do Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega*. Porto, Figueirinhas, 1960).

Como escreve Heron, essa figura do mineiro continua sendo a principal na vida política e cultural do país. O habitante de Minas Gerais é visto apenas como aquele sujeito calado e simples. Concordamos com José Carlos Reis quando ele escreve “não há o mineiro, mas mineiros” (REIS, 2017). Nos parece justo ver o mineiro como um sujeito mais complexo e diverso do que, simplesmente, um indivíduo introvertido e austero, pelo fato do próprio território mineiro ser cultural e diverso. Para Paulo Pinheiro Chagas, já em 1981 havia dois tipos sociais de mineiros: o do tipo rural e o tipo minerador.

O espírito de aventura, o amor à liberdade, o gosto pelas sedições, o culto da arte, a intemperança, o jogo, a alegria, a facúndia, a indiscrição, a forma, o sonho, o ímpeto pertencem aos homens da primeira espécie. Definem os da segunda a afeição à estabilidade, o respeito à autoridade, o 'senso grave da ordem', o apego da ciência, o comedimento, a economia, a severidade, a palavra curta, o bom sendo, a substância, a razão, o método” (Paulo Pinheiro Chagas. “A resposta de Juscelino” (conf.). *In: As idéias não morrem*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981, p. 259 ss.).

Definir o tipo social mineiro se torna uma tarefa árdua que desprende muito esforço, por serem indivíduos de uma região com grande carga cultural. Muitos estudiosos já tentaram definir o mineiro focando apenas no fator geográfico: “mineiro é somente o morador da zona metalúrgica” (apud Araújo, 1974). O caráter geográfico é um forte condicionante cultural de Minas pela presença do municipalismo: por conta da sucessão de montanhas, os municípios se tornam verdadeiros anfiteatros e cria no mineiro, a consciência de pertencer a uma comunidade de origem, fazendo com que qualquer mineiro, por mais nacionalmente ilustre que seja, se faça apresentar sempre como filho deste ou daquele município (DIAS, 2011). Assim, temos o mineiro e a respectiva identidade mineira, definida pelas montanhas e pelo caráter geográfico. Para outros autores, o mineiro e sua identidade são marcados pela carga simbólica que Minas Gerais possui: “há uma aura em torno do próprio nome do estado, que acaba por englobar as montanhas, os casos mineiros, a história ou mesmo o comportamento normal do mineiro associado à tradição” (CAMPOS; MAFRA, 2018).

Outra concepção do que é o mineiro é de Liana Maria Reis. Para a autora, que possui uma importante obra sobre mineiridade, o mineiro do tempo da mineração é mais liberal e democrático que os outros brasileiros, mais hospitaleiros, tranquilos e moderados; enquanto os mineiros do século XX são conciliadores, equilibrados, avessos aos radicalismos e ponderados. Essa definição de Liana Maria Reis nos mostra um forte cunho histórico para definir o tipo mineiro, uma vez que recorre aos séculos XVII, XVIII e XX. Já Alceu Amoroso Lima, em *Voz de Minas*, acredita que o mineiro é o homem do passado e que a força, dignidade e estabilidade do mineiro estão justamente nessa valorização do passado e da tradição.

Diante das análises feitas, chegamos a algumas definições: Minas Gerais é plural, heterogênea, com grande realidade cultural, polifônica, tradicional e conservadora. Minas é a representação da simplicidade e a valorização do passado e tradições. A voz de Minas é a voz da tradição, da hospitalidade e das relações. Também concordamos com os autores que veem o mineiro como o indivíduo filho de seu município, de sua terra; o mineiro é aquele o sujeito simples, hospitaleiro, que se reúne ao redor da mesa para compartilhar o pão, como cita Oliveira

Viana, que preza pela conservação e aprecia o seu passado e suas tradições já estabelecidas. Assim, partimos para definir a mineiridade.

O primeiro registro escrito do termo “mineiridade” vem de Gilberto Freyre, em 1946. O autor de *Casa-grande e Senzala*, em uma conferência⁶ na Faculdade de Direito, em Belo Horizonte, coloca-o em uso para incitar os mineiros a desempenharem sua missão política para o país.

Sob o título ‘Ordem, liberdade, mineiridade’, discorreu sobre o papel político dos mineiros naquele instante. Argumenta com a existência, no plano interno e no externo, de polarizações ideológicas que deveriam ser superadas por novas formas de organização política. Evoca frases históricas de Minas, ‘o senso grave da ordem’ e a ‘liberdade ainda que tardia’. Através da mineiridade, isto é, da tendência a transigir e a vencer os antagonismos, os mineiros poderiam contribuir para conciliar a ‘liberdade das pessoas com a ordem da sociedade’. Propõe um programa de reconstrução social, acenando com flexível planejamento democrático, capaz de incorporar valores econômicos e tecnológicos e também o que chama de valores ‘pessoalmente culturais’, como atividade artística, religiosa, intelectual, recreativa (FREYRE, 1946).

Mineiridade surgiu como uma definição política em um contexto político. E é possível ver muitos intelectuais que fazem uso do termo em cunho político. Persina (2011), acredita que foi criado o mito da mineiridade para que o estado de Minas Gerais pudesse voltar a competir política e economicamente com os demais estados brasileiros. Para Liana Maria Reis (2007), a mineiridade é uma construção imaginária elaborada por uma elite política que, se apropriando de fatos históricos regionais e particulares da região de Minas, torna essa identidade universal para preservar-se no poder e manter seus privilégios. Segundo a socióloga Maria Arminda Arruda, que Liana Maria traz em seu texto *Mineiridade: identidade regional e ideologia* (2007), a expressão assume e integra o nacional, projetando-se no conjunto, oferecendo identidade aos mineiros e aos brasileiros. Existe, então, um eixo comum entre a mineiridade e a temática fundamental do pensamento brasileiro (REIS, 2007). Essa ideia da socióloga vem justamente do contexto político-social da proclamação da República, quando há a necessidade de construir uma identidade nacional e buscam em Tiradentes, um personagem mineiro, esse personagem capaz de unir e legitimar toda uma nação. Otávio Soares Dulci (1984) em *As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia*: “a mineiridade é a ideologia da elite mineira, uma ideologia da classe dominante”. Diante do exposto, percebe-se o uso do termo imbricado em estratégias sócio-políticas de dominação. No entanto, reduzir a mineiridade como uma simples ideologia política nos parece muito raso

⁶ Gilberto Freyre, Conf. “Ordem, liberdade, mineiridade”, pronunciada na Faculdade de Direito da UFMG, Belo Horizonte, em julho de 1946. Transcr. em *6 conferências em busca de um leitor*. Rio, Livraria José Olympio Ed., 1964.

e simplista, uma vez que Minas é heterogênea, tanto do ponto de vista espacial quanto do ponto de vista da estrutura social. Retomando Guimarães Rosa: são tantas Minas; reduzir essa identidade mineira ao viés político é negligenciar o relevante aspecto cultural.

Então o que é mineiridade para além de seus usos políticos, sociais e econômicos? Mineiridade é o conjunto de valores, costumes e tradições comuns aos mineiros; é o discurso que busca legitimar a união e fraternidade do conjunto da população mineira. Mineiridade é a identidade mineira, identidade essa que é representada pelos aspectos e hábitos culturais do habitante do território de Minas Gerais. Janaína de Oliveira Campos e Rennan Lanna Martins Mafra (2018) também trazem um ideal de mineiridade: o mineiro é um sujeito simples, ruralizado, associado à roça, fogão à lenha, paisagens naturais, viola, sanfona, um ser astuto, reservado, sóbrio e com forte religiosidade. É uma mineiridade vinculada aos aspectos culturais presentes em Minas Gerais. Outra marca do discurso da mineiridade está presente no artigo de Walderez Simões Costa Ramalho, *Uma história da mineiridade: o sentido essencialista de uma representação*: para o autor, a defesa da continuidade da tradição e da história são uma das formas de manter a unidade identitária de Minas (RAMALHO, 2014). Em outras palavras: a mineiridade está ligada aos valores tradicionais e históricos.

No que convém, então, a mineiridade? Vemos a mineiridade como um discurso legitimador do tipo social mineiro e de suas vivências em Minas Gerais. É uma definição política, sim, mas também, social e cultural; ela compreende tanto os aspectos atuais da globalização, como valoriza e tem grande apreço pelos costumes e valores tradicionais e conservadores. Mineiridade identifica o mineiro filho de seu território; ela expressa e representa características culturais específicas da população que habita o território do Estado de Minas Gerais. É um termo cultural pois dialoga com os hábitos culturais da região mineira. Por ser uma identidade coletiva de representação dos mineiros, leva-se em conta a história, a cultura, a mídia, a tradição e as diferenças entre passado e presente. Por fim, a mineiridade é um sentimento e um simbolismo compartilhados por aqueles originários do território de Minas Gerais.

1.2 O futebol como construtor de identidades

O futebol pode ser compreendido dentro de uma lógica de comunidade imaginada, conceito estabelecido por Benedict Anderson. O historiador e cientista político, para definir o que é uma nação, segundo ele, um termo de difícil definição e análise, usa a expressão comunidade política imaginada. Dentro desse pensamento, o intelectual explica: é imaginada porque “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão,

ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008). Além de imaginada, a nação é limitada, porque mesmo a maior delas possui fronteiras finitas e não possuem a mesma extensão da humanidade. É soberana, pois não se encontram sobre hegemonia e dominação de nenhum poder ou ordem divina, são livres. E, por fim, é uma comunidade porque é concebida como “uma profunda camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008).

Uma vez que o futebol é como um microcosmo da sociedade e um espelho da mesma em todos os seus aspectos (COSTA, 2004), podemos ampliar essas categorias e entender os fenômenos das torcidas de futebol como grandes comunidades imaginadas. Se as nações são vistas como comunidades imaginadas, as torcidas de futebol, como microcosmo da sociedade, são também, comunidades imaginadas. Destrinchando o conceito de Anderson, as torcidas de futebol são: 1) limitadas, uma vez que existem outras torcidas de outros clubes de futebol; 2) imaginadas, porque não interagem ou encontram a totalidade de seus membros, mesmo sabendo que existem; 3) soberanas, porque não estão sob jugo de nenhuma outra torcida e equipes e 4) comunidades, porque são uma camaradagem horizontal, apesar das diferenças internas.

Para Benedict Anderson, as identidades nacionais são os discursos construídos dentro das comunidades imaginadas. Portanto, se os clubes de futebol podem ser vistos dentro dessa lógica comunitária de micro-nações, como funcionam os processos identitários dentro desse contexto? Em outras palavras: se o nacionalismo é a identidade vinculada às nações vistas como comunidades imaginadas, em um contexto de micro-nações dentro do futebol, como funciona o processo identitário?

Começemos por compreender que o futebol se revela um lugar propício para a constituição de identidades coletivas, uma vez que permitem a conformação de diferentes arranjos e experiências de integração social (KRAUSE, 2010). Por que o futebol constrói identidades? Porque o futebol é um esporte que dialoga com a cultura na qual está inserida. O esporte bretão surgiu no final do século XIX em uma Inglaterra modernizante, com grandes fábricas de produção manufatureira e têxtil. Era um esporte recém introduzido na sociedade, com suas regras e burocracias, praticado por pessoas da elite inglesa que organizavam-se em equipes para disputar a FA Cup (a Copa da Inglaterra, a mais antiga competição de futebol do mundo). Assim, quem praticava o futebol eram aqueles ligados à elite britânica e que, muitas vezes, tinham ligações com os donos das fábricas e indústrias do Reino Unido (OLIVEIRA, 2012). No entanto, por mais que o futebol fosse praticado pela nobreza, este era visto apenas como um passatempo, uma atividade qualquer. (OLIVEIRA, 2012). Com a consolidação da

Revolução Industrial e as fábricas e indústrias empregando mais operários, o hábito de praticar o futebol migra para a classe trabalhadora e proletária. Esses operários, que trabalham por longos e desgastantes períodos, vão usar os seus poucos minutos de descanso para jogar futebol. O futebol passou a ser regulamentado a partir de 1870, ocupando as tardes de folga dos trabalhadores com a prática do esporte (OLIVEIRA 2012). Essa ascensão dos trabalhadores no futebol dominado pela elite, vai gerar um forte confronto entre classes sociais, gerando uma verdadeira disputa de forças entre poderosos e oprimidos, contribuindo para um sentimento de pertencimento e identidade entre os operários e trabalhadores contra os ingleses ricos e poderosos. É justamente com esse contexto dicotômico do futebol que os operários vão sentir o desejo de criar organizações - equipes - para representá-los institucionalmente, permitindo a participação das competições mais tradicionais, como a FA Cup. O futebol em sua origem ajudou a construir a identidade de um “nós” dos operários contra os “outros”; uma identidade dentro da própria fábrica, na qual os operários se identificavam não só como operários, mas como os jogadores de futebol da indústria em que trabalhavam. Ao aceitarem que uma organização ou equipe os represente simbolicamente, aqueles trabalhadores desfrutaram de um parentesco ritual, baseado nesse vínculo comum.

Dessa maneira, o futebol começa a se espalhar pelos novos espaços públicos, em regiões centrais nas grandes cidades. Em um primeiro momento, a prática atraiu principalmente os jovens da elite que se organizavam em clubes e escolas ligadas às colônias de imigrantes, como também o meio industrial dominado pela aristocracia de origem europeia (OLIVEIRA, 2012, p. 172).

Esse cenário de disputa entre ricos e pobres, operários e elite, também vai ser presente e constante no Brasil. Introduzido por Charles Miller, um brasileiro descendente de escocês, que vai para a Inglaterra estudar, o futebol encontra um Brasil diante de um *boom* da construção de ferrovias por empresas britânicas. Trazido ao Brasil por trabalhadores e funcionários de empresas inglesas, difundiu-se por dois caminhos: o dos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas; o segundo foi através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite (KRAUSE, 2010). A rivalidade e a tensão político-social envolvida no futebol constrói uma rede de indivíduos que se identificam com esses grupos contrapostos, fortalecendo suas identidades.

E mais, o futebol pode ser visto como um forte construtor de identidades porque está localizado nas periferias e nos grandes centros, dialogando com todas as classes sociais, de gênero, raça e religião, o que contribui para o fortalecimento de uma cultura nacional, expressada em uma identidade nacional: se todos podem participar do futebol, é porque todos são bem vindos, e se todos são bem vindos, todos são vistos como um, como participantes de

uma mesma identidade. Guilherme Krause explica todas essas questões - a integração social e a democratização do futebol através das fábricas - brilhantemente em *O futebol como construtor de identidades*:

O futebol [...] pode ser visto como um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira. [...] É um excelente terreno para a construção e confrontação de juízos sobre a nação, justamente porque se constitui em 'domínio menor' da sociedade, apresentando enorme abertura às mais diversas apropriações ideológicas. [...] é potencialmente capaz de acionar a dimensão de brasilidade das identidades sociais, mas que isso se faz em 'ondas', ao sabor dos êxitos obtidos (KRAUSE, 2010, p. 28).

O esporte bretão contribui para a integração nacional ao dar às pessoas de diferentes classes sociais, etnias, raças e religiões alguma coisa para partilhar e usar como base para a solidariedade ritual. Segundo António Costa, a dimensão cultural do futebol advém da sua capacidade de pôr as pessoas em relação umas com as outras, de instaurar momentos de sociabilidade e de convívio, levando as multidões a encontrarem-se no estádio e a experimentarem mesmo a transgressão da vida ordinária. É principalmente enquanto lugar de convivência e enquanto manifestação dos estilos de vida de um povo que o futebol se reveste de uma profunda dimensão cultural (COSTA, 2004).

Por fim, após as análises sobre identidades, mineiridade e o futebol como construtor dessas, podemos compreender o simbolismo que clubes de futebol possuem na formação de diferentes identidades em seus torcedores. O futebol, enquanto lugar de manifestação cultural, enquanto possuidor de um sentimento de pertencimento, apresenta forte influência na identidade dos indivíduos que fazem parte dessa micro-nação. É diante disso que analisamos o caso do Clube Atlético Mineiro, agremiação popularmente conhecida como Galo, enquanto construtor e que expressa uma mineiridade em seus torcedores. Para tanto, é preciso localizar o Atlético em um tempo-espaço específico e analisar o seu contexto de fundação, em uma Belo Horizonte jovem e moderna. Segundo Raphael Rajão Ribeiro (2007), durante o século XX, muitas foram as localidades que tiveram em seus clubes de futebol um símbolo da identidade daquele lugar e é essa lógica que buscamos analisar: o Atlético como símbolo da identidade de Minas Gerais.

Capítulo 2 - O futebol em Belo Horizonte e o contexto mineiro

Em 1897, é fundada a nova capital de Minas. Uma cidade planejada que serviria como a capital política do estado. Foi a primeira cidade projetada do período republicano, que buscava uma transição e dissociação do passado imperial que imperava no país (RIBEIRO, 2007). Anteriormente, a capital mineira era Ouro Preto, importante cidade do período colonial, que viu a sede do governo administrativo mineiro mudar para um lar que oferecesse novos ares. Em 1901, a jovem cidade passou a se chamar Belo Horizonte. Assim como o país, a cidade belo-horizontina nasceu moderna, urbanizada, republicana, industrial, com forte vocação econômica. Era uma capital que caminhava em meio a um capitalismo emergente, pautando-se em uma ideia de modernidade.

Projetada para ser a capital do estado, ela foi planejada tendo em vista as mais recentes inovações do urbanismo. Seus idealizadores pretendiam, por meio da delimitação dos espaços e de seus usos, conformar uma nova cultura. Um estilo de vida moderno, capaz de encampar as mais recentes novidades vindas do exterior ou dos principais centros urbanos brasileiros (RIBEIRO, 2012, p. 3).

Dentre as inovações pensadas para a nova cidade, incluía-se as atividades esportivas. Por ser planejada, o projeto arquitetônico da cidade contava com uma diversidade de espaços públicos, lotes e campos pensados para a prática atlética, visando a incorporação das atividades físicas pelos habitantes mineiros (RIBEIRO, 2012). Um desses campos era o Parque Municipal, usado para a prática de ciclismo, hipódromo, corridas de cavalos e o futebol, posteriormente. Segundo Lucas Souza, em artigo publicado no site Campos Invisíveis⁷, uma plataforma incrível que resgata os estádios extintos de Belo Horizonte, reunindo reportagens sobre o passado do futebol de Belo Horizonte, no projeto para a construção de Belo Horizonte foi delimitada uma área de mais de 550 mil metros para a construção de um parque municipal:

O arquiteto e paisagista francês Paul Villon reservou para o local diversos atrativos, como coretos, uma cascata de seis metros, pequenas lagoas, milhares de árvores e arbustos. O que eles não esperavam é que alguns dos vários gramados fossem utilizados como campos improvisados para jovens correrem atrás de uma bola, dando início à história do futebol na cidade (SOUZA, 2017).

⁷SOUZA, Lucas. Os primeiros campos. In: Campos Invisíveis. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://camposinvisiveis.com/primeiros.html>. Acesso em: 8 maio 2021.

Figura 2



Planta do Parque Municipal com seus jardins e lagoas. Fonte: Arquivo Público Mineiro

Mesmo com a introdução de espaços públicos urbanos e grandes campos, as práticas esportivas não caíram no gosto da elite belo-horizontina tão rapidamente. Belo Horizonte era uma cidade jovem, repleta de campos, lotes e praças que possibilitavam a prática atlética, mas com uma classe social que pouco se encantou. O esporte bretão foi alvo de uma certa aversão e pouco interesse pelos moradores da capital que mantiveram uma certa rejeição às atividades ao ar livre. Sendo assim, o esporte na cidade não vivenciou, até 1904, nenhum empreendimento de longa duração ou que lançasse mão de estrutura mais elaborada, como, por exemplo, a união de diversas agremiações em ligas (RIBEIRO, 2007).

Apesar da elite mineira da nova capital não se importar muito com a prática esportiva, os verdadeiros entusiastas dedicavam seu tempo e esforços para dar visibilidade e credibilidade aos esportes. Em 1898 é constituído o *Velo Club*, uma agremiação voltada para a organização de corridas de bicicleta, sendo o primeiro clube de ciclismo da cidade. O clube promoveu corridas de bicicleta, velocípede, a pé e natação, até encerrar suas atividades em 1902. Apesar da breve existência, o *Velo Club* foi o expoente esportivo da cidade e introduziu

a prática de atividades físicas no cotidiano da elite belo-horizontina⁸. Além desta agremiação, havia também, reuniões para a criação de clubes de turfe e a construção de hipódromos. Uma vez presente no cotidiano da cidade, o turfe conseguiu, mesmo com grande resistência dos moradores, grande público em suas corridas aos domingos (RIBEIRO, 2007). Era o início de uma Belo Horizonte tomada por atividades esportivas de todos os gêneros.

Figura 3



Membros do Velo Club com suas bicicletas. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.

A agremiação *Velo Club* foi responsável por, não só, movimentar o cenário do ciclismo em Belo Horizonte, como também, influenciar na criação de novas agremiações esportivas. Dentre elas, destaque para o *Derby Mineiro*, fundado em 1902, que tinha o propósito de construir um hipódromo para as corridas de cavalo, mas não se concretizou. O *Club Alpinista*, de 1904, que buscava unir o caráter esportivo com a pesquisa científica sobre o esporte, também não se concretizou. Belo Horizonte não conseguiu consolidar a prática esportiva de imediato, ao contrário do Rio de Janeiro e São Paulo, que contavam com o remo e o turfe estabilizados desde o final do século XIX, mas a partir de 1904 esse cenário alterou-se (RIBEIRO, 2007).

Em consonância com as demais cidades e países, o futebol e as práticas esportivas eram privilégio da elite sócio-econômica de Belo Horizonte. Muitos viam a atividade física como um modo de incrementar o meio social local, a exploração econômica e o desenvolvimento científico (RIBEIRO, 2007). Ao mesmo tempo que os esportistas buscavam

⁸ SOUZA, Lucas. Os primeiros campos. In: Campos Invisíveis. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://camposinvisiveis.com/primeiros.html>. Acesso em: 8 maio 2021.

chamar atenção dos moradores para as atividades ao ar livre, o futebol e demais esportes contavam com uma participação predominantemente da elite. É nesse contexto que o futebol belo-horizontino se origina, sob a figura de Victor Serpa, em 1904. O carioca que estudou na Suíça voltou ao Brasil, mais precisamente a Belo Horizonte, trazendo consigo as regras e práticas do futebol, de modo similar ao que fez Charles Miller e Oscar Cox no Rio de Janeiro e São Paulo.

O fundador do esporte bretão na cidade de Belo Horizonte, Victor Serpa, apresentou o futebol para um grupo social mais restrito que contava com certo prestígio e privilégio. As agremiações que surgiram após o esporte, enfim, se consolidar na cidade, contavam com cotas de admissão de sócios, cobrando uma mensalidade que atendia apenas àqueles de posição socioeconômica mais alta. Além do ingresso de membros, a indicação era outra forma de fazer parte dos *teams*. Um esporte que criou mecanismos para restringir a entrada de membros indesejados (RIBEIRO, 2007).

Uma vez estabelecido na cidade por Victor Serpa, o futebol - ou *foot-ball* - agora precisava de um local que fosse permitida a realização das partidas e encontros dos *teams*. Coube ao Parque Municipal a honra de ser reapropriado como campo de jogo, se tornando a primeira casa do futebol em Belo Horizonte. Com a introdução do esporte, Victor Serpa criou a primeira agremiação futebolística da cidade, o *Sport Club*, em 1904. Ainda nos seus momentos iniciais, o clube conseguiu contar com grande público assistente em suas primeiras partidas, indicando uma possível abertura e entusiasmo pela população local quanto à nova atividade atlética.

Nas páginas dos jornais da cidade o futebol já começava a aparecer como tema de crônicas e de notícias. Alguns colunistas inclusive se intitulavam *sportsman*, indicação de que se entendiam como especialistas do assunto. Entre esses autores, muitos elogios eram destinados ao esporte na tentativa de construir uma legitimidade para aquela prática. Toda essa movimentação inicial em torno do futebol levava a se falar em 'A mania do foot-ball'. Mesmo no meio social belo-horizontino, pouco afeito aos divertimentos nos locais públicos, o novo esporte parecia ser capaz de mobilizar contingente considerável (RIBEIRO, 2007, p. 55).

Figura 4



Victor Serpa (sentado, com a bola nos pés) e os jogadores do Sport Club. Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Ao lado do sucesso que o *Sport Club* conquistava no cenário mineiro e belo-horizontino, novas agremiações foram criadas, contribuindo para um universo futebolístico inflamado em Belo Horizonte. Clubes como *Plinio Football-Club*, *Américo*, *Vespúcio*, *Mineiro Football Club*, *Estrada Athletico Football Club* e *Club Juvenil* também vão se originar nessa jovem capital, atraindo mais atenção dos moradores e da imprensa. O entusiasmo era tanto e a noção de organização da modalidade era tamanha, que surgiu o interesse de se criar uma liga entre os citados clubes, ainda em 1904. Jornais afirmavam que “cresceu enormemente o entusiasmo pelo omni-importante torneio nos arraiaes sportivos”⁹. Era um importante ano para o futebol belo-horizontino que caminhava para sua consolidação na cidade. Uma verdadeira *mania de foot-ball*.

Apesar do ano de introdução do futebol na capital mineira ter sido promissor, o ano seguinte foi desafiador para a cidade. Em 1905, após férias escolares no Rio de Janeiro, Victor Serpa morre em decorrência da gripe¹⁰. O falecimento do maior conhecedor dos códigos envolvidos na prática desse gênero de esporte (RIBEIRO, 2007) e principal introdutor do futebol na cidade vai acarretar em uma diminuição do ascendente esporte, com o campeonato

⁹ Festas e Diversões. Minas Geraes, Bello Horizonte, 6 de novembro de 1904. p. 8.

¹⁰ Cf. FALLECIMENTO. Minas Geraes, Bello Horizonte, 19 de janeiro de 1905. p. 5.

do ano anterior nem mesmo tendo sua continuidade confirmada. Foi uma perda irreparável para o futebol mineiro e belo-horizontino.

O baque foi considerável e o campeonato da Liga não teve continuidade. As notícias sobre o esporte já não eram tão frequentes, clubes se fundiam e diminuía a mensalidade para atrair mais sócios. No ano seguinte, quase não se noticiava sobre o esporte e, em 1907, todos os clubes pioneiros haviam encerrado suas atividades. Era evidente que o jogo trazido por Serpa não era o mesmo sem ele.¹¹

Por ser um esporte elitista e pertencente à classe de prestígios sócio-econômicos, após o falecimento de Victor Serpa e a consequente perda de força do esporte, as mensalidades dos clubes diminuía e as restrições de acesso foram afrouxadas. Mesmo após a introdução do esporte bretão na cidade, a fundação de vários clubes e o apoio da população local, em 1907 o futebol já havia caído no esquecimento. “Se a princípio, as atividades mantiveram-se no mesmo ritmo, após alguns meses, evidências de diminuição de entusiasmo em torno da prática começaram a surgir” (RIBEIRO, 2007). Tendo surgido como mania, acabou não passando de um modismo efêmero (RIBEIRO, 2012).

Novas opções de campos e locais para partidas e exercícios foram criadas, as agremiações que ainda estavam em vigor em 1905 e 1906 começaram um processo de aquisição de lotes e sedes, movimentando assim o capital privado e chamando atenção do poder público. Isso pode ser ratificado quando, em 1905, o *Viserpa Football Club* alocou um campo entre as ruas Paraíba e Pernambuco, já no limite da cidade. O *Sport Club* tentou a concessão de um terreno na Avenida Paraopeba, onde o clube já tinha o costume de jogar, mas teve seu pedido rejeitado, muito provavelmente pela baixa e diminuição do futebol na cidade¹². Com o futebol em declínio, alguns clubes tentaram um processo de movimentação para manter viva a prática esportiva, ao adquirir campos e locais para partidas. No entanto, não foi o suficiente e em 1906, eram poucas as notícias e a atenção da imprensa local para com o futebol. “[...] as atividades futebolísticas haviam escasseado bastante naquele ano de 1906. Nenhuma das agremiações pioneiras teve continuidade, havendo sido todas extintas já em 1907” (RIBEIRO, 2007).

Com o futebol desvalorizado, as agremiações extintas, os acadêmicos, elitistas e homens feitos já não mais praticando o esporte, os jovens, adolescentes e recém-adultos começaram a adentrar nas equipes, uma vez que ainda eram entusiastas da modalidade e tinham tempo livre. Esse novo esforço da classe mais jovem e não tão abastada de praticar o

¹¹ SOUZA, Lucas. Os primeiros campos. In: Campos Invisíveis. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://camposinvisiveis.com/primeiros.html>. Acesso em: 8 maio 2021.

¹² SOUZA, Lucas. Os primeiros campos. In: Campos Invisíveis. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://camposinvisiveis.com/primeiros.html>. Acesso em: 8 maio 2021.

futebol vai ao encontro das tentativas do *Prado Mineiro* de manter o espírito esportivo em Belo Horizonte, neste caso, usando o turfe. O *Prado Mineiro* foi responsável por desenvolver atividades regulares de corridas de bicicleta e cavalos, tornando-se uma referência das festas esportivas. Como o futebol havia desaparecido, o *Prado* vivia seu auge.

E é justamente no seu auge, em 1908, que o *Prado Mineiro* vai viver o ressurgimento das agremiações futebolísticas em Belo Horizonte, “marcando nova fase da modalidade esportiva que, ultimamente, apenas se restringia a algumas iniciativas pontuais sem a estrutura de uma identidade” (RIBEIRO, 2007). Onze anos após a fundação de Belo Horizonte, é fundado o *Athletico Mineiro Football Club*, surgindo em uma Belo Horizonte ainda jovem e em construção identitária.

2.1 A fundação do Clube Atlético Mineiro

O Atlético nasceu mineiro. Usufruindo das benesses da corrente circunstância do fraco cenário desportivo em Belo Horizonte, a fundação do clube significou a retomada das agremiações futebolísticas na sociedade mineira. Em 25 de março de 1908, um grupo de jovens estudantes secundaristas da elite local dá surgimento à mais antiga e tradicional entidade desportiva de Minas Gerais, nas localizações do Parque Municipal. Foi demarcado pelas cores preta e branca ainda em sua fundação.

Os meninos começaram o trabalho e, na quarta-feira, 25 de março de 1908, segundo depoimento de Hugo Fracarolli e João Barbosa Sobrinho, os atletas mataram as aulas e ficaram pela tarde toda no Parque Municipal, para que, naquele dia, surgisse o maior clube de Minas, o celeiro de craques famosos, o colecionador de títulos invejáveis, o indiscutível campeão da popularidade. E o clube nasceu numa tarde plena de sol, cheia de luz, irradiando felicidade e abrindo o roteiro glorioso do querido Galo Carijó (ZILLER, 1997, p. 33).

Uma vez que os homens feitos e da elite belo-horizontina não faziam mais parte do ambiente futebolístico, coube aos estudantes criar a associação atlética. Juntamente com o *Athletico Mineiro Football Club*, é fundada outra agremiação esportiva, o *Sport Club Mineiro*. Enquanto o *Sport* era uma agremiação de acadêmicos e jovens já graduados, o *Athletico* era um clube de garotos, conferindo à nova fase do futebol mineiro uma maior predominância aos estudantes e jovens. E esse não vai ser o único diferencial do novo futebol em Belo Horizonte, que vai se tornar mais burocrático e organizado: agora os clubes vão ter em seus estatutos formas de garantir o comprometimento de seus membros, como a cobrança de multas e a suspensão de jogos caso prejudiquem o clube. Conforme o estatuto do *Athletico*:

“Art. 36. Será multado em 2\$000 o socio que não tomar parte em um training durante uma semana, salvo se allegar motivos justos.

Art. 37. A directoria, póde, conforme a gravidade da falta cometida pelo socio, suspendel-o de jogo, 15 dias no maximo”¹³.

O futebol mineiro se tornava uma atividade mais precavida e segura do que era antes. De fato, não se tinha mais a “mania de *foot-ball*” como em 1904, pela própria falta de entusiasmo da população local, mas o interesse e apoio ainda eram presentes no cenário local. Prova disso são os vários clubes que foram criados durante esse período pós-1908: *Gymnasio Football Club*, *Republicano Football Club*, *Horizontino Football Club*, *Dom Viçosa Football Club*, *Minas Geraes*, *Palmeiras Football Club* entre outros. Temos, destarte, uma Belo Horizonte tomada por um crescimento de torcedores, a consolidação do futebol como prática desportiva, fundação de clubes e agremiações, a formação de público assistente e a movimentação do noticiário local. Periódicos abrindo espaço para a narrativa futebolística, apoio a favor do desenvolvimento da modalidade, partidas entre clubes de Belo Horizonte, Minas Gerais e agremiações de outros estados, o futebol se consolidava cada vez mais (RIBEIRO, 2007).

O *Athletico* tem início em 1908 e, seu maior rival da época, o *America Football Club* começa sua história em 1912, fundado por garotos da aristocracia belo-horizontina que não possuíam idade suficiente para entrar nos principais times da época. Além desses, o *Yale Athletic Club* vai se tornar a terceira força do futebol na cidade, sendo os três clubes os grandes protagonistas dos primeiros anos do futebol mineiro pós-1908. Com o ressurgimento do esporte de uma forma mais regulamentada, a realização das partidas e as primeiras práticas do torcer, debates em torno da melhor equipe de Minas Gerais começaram a surgir.

A esta altura, o futebol na cidade já ampliava o seu universo social. Não só os familiares e amigos dos atletas acompanhavam os jogos. O espetáculo promovido pelo futebol passou a ser um ponto de encontro da elite da cidade. Os jogos realizados nas tardes de sábado ou domingo passaram a ser esperados com ansiedade pelos torcedores (COUTO, 2007, p. 3).

É neste contexto que tem origem o primeiro torneio de futebol de Belo Horizonte, a Taça Bueno Brandão em 1914. Disputada pelos três principais clubes da cidade, *Athletico*, *America* e *Yale*, o torneio teve como grande campeão, o alvinegro.

¹³ Secção Alheia. Minas Geraes, Bello Horizonte, 23 de julho de 1913. p. 10.

Figura 5

Campeões da Taça Bueno Brandão, em 1914¹⁴.

Campeão do primeiro torneio de futebol em Belo Horizonte, realizado pelo governador da época, Júlio Bueno Brandão, o Atlético também vai se sagrar campeão do primeiro campeonato oficial de futebol do estado, em 1915.

Em 1915 a cidade assistiu à criação da *Liga Mineira de Sports Athleticos*, entidade fundamental para os desdobramentos futuros do futebol e do torcer em Minas Gerais. Naquele mesmo ano, a Liga instituiu a primeira edição do que se considera, atualmente, como campeonato mineiro. Naquela época, o torneio se chamava “Taça da Cidade” e era disputado pelas principais equipes existentes. O Atlético sagrou-se campeão, sobrepujando os clubes do América, Cristovão Colombo, Yale e Hygienicos (ALVES et al., 2016, p. 706).

Figura 6

Time campeão estadual de 1915¹⁵.

¹⁴ Disponível em: <https://wpaadmin.atletico.com.br/wp-content/uploads/2019/08/galo-1914.jpg>. Acesso em 09 mai. 2021

¹⁵ Disponível em: <https://blogdosatleticanos.blogspot.com/2012/05/especial-41x-campeao-mineiro-1915.html>. Acesso em: 09 mai. 2021

Apesar das duas conquistas em 1914 e 1915, o protagonismo e hegemonia do Atlético só iriam ser consolidados em Minas Gerais nas décadas seguintes. A disputa entre o Atlético e os demais times foram responsáveis por acirrar as rivalidades e configurar uma identidade clubística dos torcedores mineiros, uma vez que o futebol começou a ser tratado com maior organização e estruturação por parte da Liga, com grande público presente nos jogos. Belo Horizonte passava a respirar futebol, juntamente com seus adeptos. É por isso que podemos dizer que “os clubes de futebol se tornaram ao longo do século XX elementos importantes da construção de uma identidade compartilhada referente a diversas cidades” (RIBEIRO, 2007). A criação do *Athletico* em uma Belo Horizonte ainda jovem e em construção identitária permitiu que a própria identidade do clube mineiro fosse construída concomitante com a cidade. Na segunda década do século XX, mais precisamente em 1921, é fundado o *Società Sportiva Palestra Italia*, atual Cruzeiro Esporte Clube. Formado por imigrantes italianos localizados no Barro Preto, região central da capital mineira, se tornou a terceira força rival no futebol de Belo Horizonte.

A derrocada e o enfraquecimento do clube americano após a profissionalização do futebol em 1933 e o movimento contrário do Palestra Itália, que rapidamente vai passar a ser parte da elite do futebol mineiro, vão conferir a ambos os clubes - Atlético e Palestra Itália -, um grau maior de atenção dos torcedores e a conseqüente construção de identidades.

Se, nos primeiros anos da década de 20, a rivalidade construída entre *America* e *Athletico* centralizava as atenções da vida esportiva na Capital, o ano de 1926 demarcaria uma importante mudança. Entre 1926 e 1930, todos os títulos conservaram-se nas mãos dos novos adversários: *Athletico* (1926-1927) e *Palestra* (1928-1929-1930). Neste período, a torcida palestrina passou a ocupar relevante espaço no cenário do futebol em Belo Horizonte, dividindo, com atleticanos e americanos, o simbólico “status” de melhor e maior torcida. Já se podia considerar o clube italiano uma equipe de igual força em relação às principais agremiações (ALVES et al., 2016, p. 708).

Estudar a história da fundação do *Athletico Mineiro Football Club*, atual Clube Atlético Mineiro, sem falar da história da fundação de Belo Horizonte é anacrônico. Ambos os clubes cresceram de forma concomitante, ambos construindo suas identidades ao mesmo tempo. Raphael Ribeiro defende que “as identidades que permeiam a formação de uma comunidade em torno de uma associação esportiva em muito se apropriam de eventos ou elementos da história local” (RIBEIRO, 2007).

À exceção de raros casos de agremiações cuja identidade ganha aspectos nacionais, a maioria dos clubes de futebol do Brasil e do Mundo tem suas tradições arraigadas à relação com uma cidade em especial, sendo que algumas ocasiões esse recorte se reduz ainda mais, vinculando-se a um bairro. Essa associação mais imediata entre a

instituição esportiva e o espaço urbano evidencia-se, por exemplo, nas narrativas referenciais de identidades dos times (RIBEIRO, 2012, p. 2).

A história de Belo Horizonte e do Atlético andam lado a lado, marcadas por momentos importantes para ambas as partes. Segundo Ziller (1997), o clube nasceu praticamente com a cidade, ambos gloriosamente. O Atlético firmava-se através de um esquema de trabalho e de realizações, enquanto a cidade ganhava dimensão vertiginosamente. “Os costumes, o cotidiano, a situação econômica da cidade e o desenvolvimento do seu tecido urbano são aspectos que se relacionam à narrativa acerca do Galo” (RIBEIRO, 2012). Retomando aos estudos sobre identidades e comunidades imaginadas, o Atlético construiu sua própria identidade e a vinculou em seus torcedores juntamente com a história de Minas Gerais. O jogo das identidades nas fases iniciais de Belo Horizonte e consolidação do estado mineiro frente à federação vai contribuir para o propósito atleticano de vincular a mineiridade como sua própria identidade. As disputas e rivalidades acirradas durante os anos iniciais do futebol vão ser pautadas pelas relações dos torcedores do Atlético e demais clubes, construindo uma identidade coletiva entre os membros. Ao passo que a agremiação alvinegra começa a conquistar destaque no cenário esportivo mineiro, a identidade coletiva dos atleticanos vai ser legitimada pelos discursos e narrativas que o clube deseja, neste caso, a mineira. Exemplo dessa movimentação são os próprios títulos no início do futebol em Minas Gerais: ser campeão da maior representação cultural mineira da época - Taça Bueno Brandão e Campeonato Mineiro de 1915 - cria uma ideia de expressão cultural mineira nos torcedores do clube campeão. É dessa e outras formas que o fenômeno de consolidação da mineiridade no Atlético se faz presente, ao usar elementos e símbolos de expressão cultural mineira em seus feitos e categorias institucionais. Para tanto, nos compete analisarmos a fundo tais elementos.

2.2 A construção da mineiridade no Atlético durante as décadas de 1930 a 1970

A fim de compreender como o Clube Atlético Mineiro expressa uma dada identidade mineira em seus torcedores por meio de símbolos e elementos categóricos, é preciso voltar e analisar a própria história do clube. A partir de sua fundação, como a instituição avançou na sua história e como os elementos mineiros foram incorporados à ela, incorporados. A metodologia do trabalho parte da análise dos símbolos intrínsecos ao Atlético por acreditarmos que estes trazem significados e representações ainda atuais.

Símbolos existem por todos os cantos do mundo civilizado. Símbolos que relembram epopéias e lutas, conquistas e pátrias, símbolos que eternizam os homens e as sociedades, símbolos que evocam o passado e que rasgam os caminhos triunfais do futuro. Símbolos. Menções que se repetem na cartilha do homem na homenagem

dos que se constituem em legendas que o tempo e o espaço não podem derribar (ZILLER, 1997, p. 246).

Como visto por Ziller (1997), os símbolos evocam o passado e rasgam os caminhos do futuro. Sendo assim, para tanto, além de analisarmos os símbolos institucionais do clube, como o nome, o mascote oficial e o hino, nos convém estudarmos o passado, a linha do tempo da história do clube. O recorte temporal escolhido foi entre 1930, mais precisamente 1933, com a profissionalização do futebol no cenário nacional, até 1971, ano em que o Atlético é consagrado campeão brasileiro da primeira competição nacional realizada pela Confederação Brasileira de Desportos, atual CBF. Definimos esse período de quarenta anos por entendermos que, ao ser campeão nacional em 1971, o Atlético conseguiu concluir o jogo das identidades: reforçou o senso de comunidade imaginada dos seus torcedores. Atentemo-nos, de imediato, para os elementos institucionais do clube que expressam a mineiridade.

O primeiro traço de mineiridade que encontramos quando analisamos nosso objeto é o nome de fundação da instituição alvinegra: *Athletico Mineiro Football Club*, o atual Clube Atlético Mineiro. Carregando o orgulho de ter as raízes mineiras, a agremiação não foi a primeira a usar a mineiridade em seu nome oficial. Cerca de quatro anos antes, ainda em 1904, com o principiante surgimento da prática futebolística em Belo Horizonte, apareceram três associações: o *Club Athletico Mineiro*, o *Mineiro Football Club* e o *Brazil Football Club* (RIBEIRO, 2007). Em 1905, é fundado outro clube que usa a alcunha “Athletico Football Club”, sendo este o *Estrada Athletico Football Club*. No entanto, quando o Clube Atlético Mineiro é fundado em 1908, esses clubes anteriores já não faziam parte do cenário futebolístico mineiro.

Ainda que *Athletico* ou *Athletic* e *Sport Club* fossem nomes bastante comuns entre as associações futebolísticas de diversas partes do Brasil, não é possível deixar de perceber em tais denominações referências às antigas agremiações da cidade. Nesse sentido, um elo de continuidade procurava ser construído (RIBEIRO, 2007, p. 63).

O nome de uma instituição futebolística diz muito sobre o contexto na qual está inserida. Não se tem estudos e produções acadêmicas que cubram o momento de escolha do nome oficial do Atlético, como temos com as outras duas principais agremiações de Minas Gerais, Cruzeiro e América. A enciclopédia oficial, escrita por Adelchi Ziller e a Hemeroteca Digital também não possuem registros que contemplem o momento da escolha. No entanto, podemos inferir que os fundadores do clube pretendiam dar formas de continuidade com o passado recente do futebol mineiro, como também, valorizar as raízes regionais do clube. Hoje, apesar de existirem várias agremiações com o nome Atlético pelo Brasil, os primeiros

resultados em programas de busca, correspondem ao Clube Atlético Mineiro (PRECIOSO, 2018), evidenciando que o Atlético é o Atlético *Mineiro*.

O hino oficial do Atlético é outro elemento institucional que vai reforçar a mineiridade nos atleticanos e atleticanas. Escrito em 1969 pelo compositor Vicente Motta, a pedido do então diretor do time da época, Alberto Perini. Motta, natural de Montes Claros, segundo consta nos registros históricos, era compositor de marchinhas de carnaval da Belo Horizonte da década de 1960. Além disso, Motta era atleticano. Tal característica ia ao encontro das pretensões da diretoria alvinegra, uma vez que a “[...] identidade discursiva, que até hoje é carregada como o grito de uma torcida, foi composta por alguém que já carregava a identidade social do ‘ser atleticano’” (PRECIOSO, 2018). Não era, simplesmente, a composição do hino de uma agremiação esportiva, mas sim, a máxima representação discursiva do que é ser atleticano. Segundo Precioso (2018), o hino do Atlético não é apenas para ouvir ou automaticamente ser cantado, mas sim interpretado e tornado discurso por quem o canta, fala e discorre. Entoado por milhares de torcedores, o hino do Atlético serve como um fenômeno de comunicação e expressão de idéias para reforçar um sentimento de pertencimento. Seja ele clubístico ou regional.

Nós somos do Clube Atlético Mineiro
 Jogamos com muita raça e amor
 Vibramos, com alegria, nas vitórias
 Clube Atlético Mineiro
 Galo Forte Vingador.
 Vencer, Vencer, Vencer,
 Este é o nosso ideal!
 Honramos o nome de Minas
 No cenário esportivo mundial
 Lutar, Lutar, Lutar,
 Pelos gramados do mundo pra vencer
 Clube Atlético Mineiro,
 Uma vez até morrer!
 Nós somos Campeões do Gelo
 O nosso time é imortal!
 Nós somos Campeões dos Campeões
 Somos o orgulho do esporte nacional!
 Lutar, Lutar, Lutar,
 Com toda nossa raça pra vencer
 Clube Atlético Mineiro
 Uma vez até morrer!¹⁶

A mineiridade vai ser expressada no hino em alguns versos específicos: “Nós somos do Clube Atlético Mineiro”, “Honramos o nome de Minas”, “Pelos gramados do mundo pra vencer” e “Somos o orgulho do esporte nacional”. Analisemos cada um.

¹⁶ Hino oficial do Clube Atlético Mineiro. Compositor: Vicente Motta (1969).

O primeiro verso do hino, “Nós somos do Clube Atlético Mineiro”, dialoga com os conceitos de identidade vistos neste trabalho. O pronome “nós” vinculado ao verbo “somos” propõe um ideal de identidade coletiva e o pertencimento de um indivíduo a um grupo social, neste caso, ao Atlético. As culturas sociais e culturais podem ser formadas por símbolos e representações e, com o primeiro verso do hino, o compositor está querendo tratar a identidade coletiva da torcida do Atlético ao compartilharem semelhanças identitárias. O primeiro verso não quer, apenas, relacionar a identidade coletiva em sobreposição à identidade individual, como também, quer vincular ao Clube Atlético *Mineiro*. É um reforço da ideia de comunidades imaginadas: os atleticanos não conhecem todos os membros dessa comunidade e nem é uma comunidade mundialmente hegemônica, mas é uma comunidade de atleticanos que se identificam com os discursos e representações nela reunidos.

O “Honramos o nome de Minas”, de forma clara, é o que melhor expressa a mineiridade. Com um simples verso, Vicente Motta trouxe à tona o bairro, cidade, estado, localidade e identidade regional que fazem parte da essência atleticana. Nos dá um sentido de abrangência que a instituição quer representar (PRECIOSO, 2018). A colocação desse verso deixa claro a valorização das raízes mineiras do clube e do local de prestígio e privilégio que o clube ocupava no cenário regional e nacional. No ano da composição do hino, em 1969, o Atlético já era o maior campeão estadual há pelo menos 22 anos; já havia sido coroado Campeão dos Campeões Estaduais em 1937; realizado uma excursão internacional para a Europa e se sagrando, simbolicamente, Campeão do Gelo, além de acumular expressivas vitórias e pioneirismos nas alterosas e no país. Conquistas pioneiras que representam a força e importância do clube em Minas Gerais. Ademais, o verso “honramos o nome de Minas” pode ter um duplo sentido, uma vez que o clube carrega o nome de Minas em seu nome oficial - Clube Atlético *Mineiro*. Quando o torcedor entoia o “honramos o nome de Minas”, ele comunica o privilégio de pertencer a Minas Gerais, o orgulho de torcer para um time que, a todo momento, reforça o simbolismo regional.

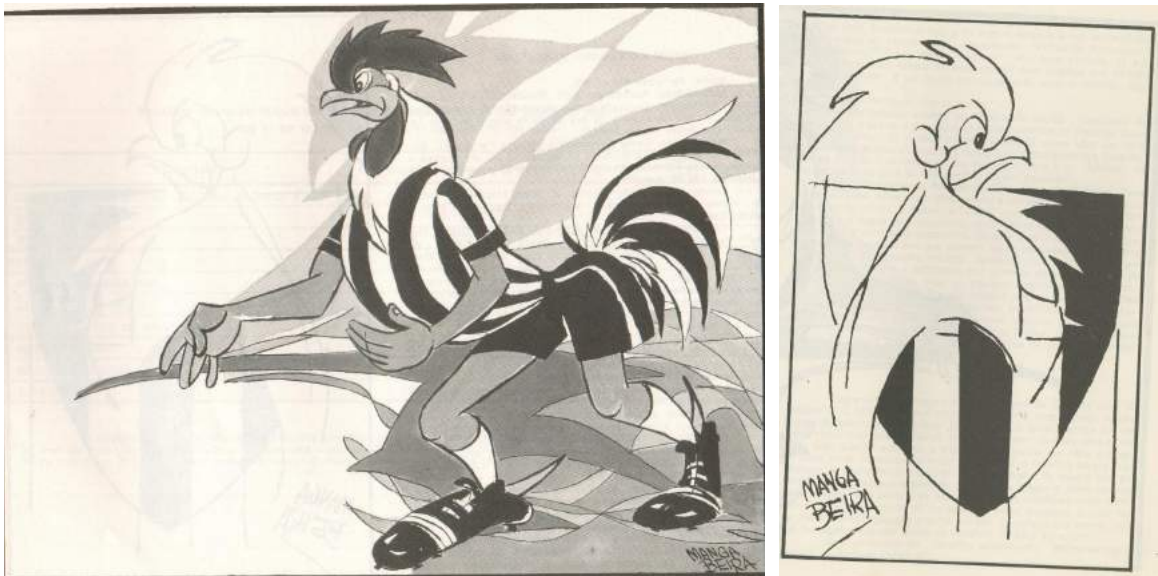
Os versos “Pelos gramados do mundo pra vencer” e “Somos o orgulho do esporte nacional” trazem, por outro lado, um esforço de cunhar a representação nacional e internacional que o clube possui. A mineiridade não é um conceito fechado e restrito às fronteiras mineiras, mas também se faz presente nos “gramados do mundo” e no “esporte nacional”. Em 1950, na primeira excursão de um time profissional de Minas Gerais pela Europa, e uma das primeiras do Brasil, o Atlético sagra-se campeão de um torneio amistoso disputado no frio rigoroso do continente europeu, com o *Maracanazo* ainda recente. Levou a “mineirice” do clube alvinegro para os gramados do mundo e venceu. Já o verso “somos

orgulho do esporte nacional” relaciona-se com as expressivas vitórias e conquistas do plantel atleticano no cenário nacional dominado pelos clubes do eixo Rio-São Paulo. Honrar o nome de Minas, ser do Clube Atlético Mineiro, vencer nos gramados do mundo e ser orgulho do esporte enquanto um clube essencialmente mineiro, a estrutura lírica do hino oficial do Atlético está, a todo momento, reforçando a mineiridade expressa pelo clube, seja de forma direta ou indireta.

Outro ponto de destaque para a análise da mineiridade no Atlético é o mascote oficial do clube, o galo. Idealizado por Fernando Pierucetti, conhecido como Mangabeira, o cartunista do jornal Folha de Minas. Foi solicitado pelo então editor do jornal, Álvares Maciel, em 1945, para desenhar os mascotes dos times mineiros Atlético, América e Cruzeiro. Para o América, foi escolhido o coelho; para o Cruzeiro, a raposa; sobre a escolha do galo:

O Atlético é um time que vende caro uma derrota. A vantagem do adversário no placar não lhe tira a garra. Parece um galo de rinha. Um galo na rinha? Justamente: seu símbolo será o Galo, o Galo Carijó, entrando o adjetivo na história por obra e graça de suas cores tradicionais: preto e branco. E o Atlético surgiu nas charges de Mangabeira a caráter: raça de brigão, de sujeito mal encarado, o bico adunco e sempre pronto para rasgar a carne antagonista; o esporão a postos, as asas cobrindo as espáduas como elmo tirando qualquer chance de agressão, o peito estufado, o rabo farto, como a predileção que a sorte lhe deu. E, sempre que vence, com um fumegante charuto preso na moldura do bico agressivo (ZILLER, 1997, p. 223).

Figuras 7 e 8



Desenho do mascote do Atlético Mineiro, o Galo, por Mangabeira. Foto: Enciclopédia do Atlético (1997).

Uma característica mineira que foi levada em consideração na confecção do novo mascote atleticano foram as famosas rinhas de galo, na década de 30, na capital mineira. Durante a década de 30, 40 e 50, essas rinhas faziam parte do cotidiano dos moradores mineiros, sendo conhecido por grande parte da população. Mangabeira pegou um elemento

tipicamente mineiro, além da referência do galo carijó, que era “imbatível nas lutas” e usou-o para simbolizar o Atlético Mineiro. O mascote caiu tanto no gosto da torcida que o ex-jogador Zé do Monte entrava em campo segurando um galo, o que fez o grito de “Gaaaalô” se popularizar entre a torcida e pelas arquibancadas.

Para além dos símbolos de representação, é possível pensarmos a mineiridade vinculada ao Clube Atlético Mineiro e como ela é expressada em seus torcedores, investigando seus primórdios. Em 1908, mais precisamente no dia 25 de março, alguns alunos faltaram à escola e ficaram a “tarde toda no Parque Municipal, para que, naquele dia, surgisse o maior clube de Minas, o celeiro de craques famosos, o colecionador de títulos invejáveis, o indiscutível campeão da popularidade” (ZILLER, 1997). Ao compreender a sociedade e o contexto histórico no qual o clube está inserido, vemos que a narrativa de ser um clube com raízes e orgulho mineiro são legitimadas a todo momento. Construindo sua identidade juntamente com a cidade e estado, ganha as duas primeiras competições regionais - a Taça Bueno Brandão em 1914 e a Liga Mineira em 1915, torneios que marcaram aquela época por objetivarem definir o clube que melhor representava o estado. Com a profissionalização do futebol em 1933, o Atlético pôde levar o nome de Minas Gerais e toda sua mineiridade para além da sua região. Se a diretoria, jogadores e torcedores buscavam ser hegemônicos em Minas Gerais e levar o nome de seu estado para o Brasil e o mundo, foi a partir da década de 30 que isso se tornou possível.

No ano de 1937, o Atlético Mineiro sagrou-se Campeão dos Campeões, em um torneio que reuniu os campeões das federações estaduais filiadas à Federação Brasileira de Futebol, organizadora do evento. Organizado em 1936 e disputado no ano seguinte, foi a primeira competição interestadual profissional realizada no Brasil, contando com a participação dos vencedores dos campeonatos estaduais de Minas Gerais, São Paulo, Distrito Federal e Espírito Santo. Para um clube que estava acostumado a competir apenas dentro de seu estado natal, foi de suma importância participar de uma competição nacional e vencê-la. Foi o primeiro título de alcance nacional de um clube mineiro, como também, a primeira oportunidade de um clube mineiro de ganhar das agremiações das principais metrópoles brasileiras.

Figura 9



Manchete do jornal Estado de Minas sobre a conquista atlética (Foto: Arquivo/EM/D.A Press).

Figura 10



Manchete do jornal Estado de Minas sobre a conquista atlética (Foto: Arquivo/EM/D.A Press).

Após o título de 1937, o Atlético foi campeão mineiro em outras duas oportunidades na década de 30, sendo o maior vencedor mineiro da década de profissionalização do futebol brasileiro. Os torcedores do clube não poderiam estar mais contentes e orgulhosos de suas raízes mineiras. Isso pode ser ratificado pela edição de fevereiro de 1948 do jornal O Cruzeiro:

Em Minas, é o Atlético. Sua popularidade entre os mineiros é algo impressionante. Afirma-se que conta com 70% da torcida do futebol de Belo Horizonte. [...] O Atlético é o maior clube de Minas. [...] Basta comparecer a uma partida de futebol em que o Atlético tome parte - e não se duvidará mais da preferência dos mineiros.

Nos últimos anos, a popularidade do Atlético transbordou pelo Brasil, como consequência de seus triunfos em São Paulo, Rio, Paraná e Minas” (O CRUZEIRO, 1948, p. 56).

Ainda na mesma reportagem, abordam o porquê da popularidade do Atlético em Minas Gerais:

Por que se tornou o Atlético tão popular - no caso - em Minas? Muito simples: a partir de 1929 - é melhor fixar essa época - vem o alvi-negro triunfando regularmente nas competições interestaduais e até nas internacionais. Em 1936 - como já frisamos - conquistou o título de ‘Campeão dos Campeões’ em torneio que substituiu o Campeonato Brasileiro de selecionados estaduais. Assim se fez sua popularidade. [...] Tornou o alvi-negro, em primeiro lugar, o clube mineiro mais conhecido, mais famoso e mais respeitado, sem desfazer de outros grêmios que lutam pela mesma projeção (O CRUZEIRO, 1948, p. 56, 58).

A década de 40 também foi um forte período de expressão da mineiridade nos torcedores do Atlético. Campeão estadual cinco vezes, tornou-se o maior campeão estadual em 1946 - posto que ocupa até hoje - e foi Campeão do Cinquentenário de Belo Horizonte.

Figura 11



Elenco bi-campeão mineiro e campeão do Cinquentenário de Belo Horizonte em 1947¹⁷.

Tal título foi especialmente importante para o Atlético e o reforço da mineiridade. Jornais da época escreviam que o campeão do Cinquentenário de Belo Horizonte alcançaria um “[...] galardão que passaria à história esportiva de Minas como uma glória jamais alcançada por nenhum outro clube mineiro. E o Atlético, colecionador das maiores honrarias do ‘sôccer’ montanhês, não poderia ficar alheio à conquista de tão ufano título”. (ZILLER, 1967).

¹⁷ Foto: Enciclopédia do Atlético (1997).

Na década seguinte, 1950, os feitos alvinegros foram responsáveis por elevar a mineiridade para proporções ainda maiores. Historiadores acreditam que, pelo fato do Atlético conquistar a maioria dos títulos mineiros em disputa, a agremiação era amplamente reconhecida pelo público e pela imprensa como o maior clube do Estado (SILVA; DEBORTOLI; SILVA, 2012). A afirmativa vai ser ratificada já em 1950, ano em que o clube realiza uma excursão inédita para a Europa para disputar amistosos contra equipes da Alemanha, Áustria, Bélgica, Luxemburgo e França.

Figura 12



Delegação atleticana em Munique, 1950¹⁸.

Com a ferida do *Maracanazo* ainda recente, a campanha de sucesso de uma equipe brasileira em gramados europeus se tornou um feito histórico. Em dez jogos, o plantel atleticano ganhou seis partidas, empatou duas e perdeu outras duas, marcando 24 gols. Por conta do clima frio e os gramados cobertos de neve, atmosfera que os clubes brasileiros não estão acostumados, o Atlético recebeu o simbólico título de Campeão do Gelo, abrindo as portas da Europa para o futebol brasileiro e, mais precisamente, para o futebol mineiro.

Quando em 1950, o Atlético visitou a Europa, não só a família atleticana ficou orgulhosa do seu quadro, mas tôda Minas esportiva acompanhou com interêsse a jorada dos rapazes alvi-negros. A presença de uma equipe mineira no exterior era fato inédito, transcendia de importância” (ZILLER, 1967).

¹⁸ Foto: Enciclopédia do Atlético (1997).

Figura 13 e 14

Südamerika sendet uns seine Fußball-Künstler

CLUBO ATLETICO MINEIRO BELO HORIZONTE

Fußballmeister von Brasilien + (Südamerika) 1949/50

1. FC. Saarbrücken

14³⁰ Uhr Sonntag, den 19. November 1950 14³⁰ Uhr

KIESELHUMES

12.45 Uhr Vorspiel 12.45 Uhr
Sportfreunde Saarbrücken — 1. FC. Saarbrücken Amateure
Benutzt verbilligten Vorverkauf!

Frankfurter ^{ESV auf den} **Herberger** ^{fem Nationalspieler} zum Bundestrainer **F. Walter** soll bei A.S. zum Spieler

Sport MAGAZIN

1. FCN wieder mit Blitzstart!
Bundestrainer sah A. Kupfer
Wie immer: 32 Seiten...!

„Bimbo“ rühmt 60er
Sonderbilder und große
Reportagen von allen
Oberliga-Bierpunkten

Fürther Tragik
W. Risch in dem Mann-
heimer Kabinen

Maibohm in Rom
Endliche der italieni-
sche im „Tegobuch“

Doch FC Köln
Wie es zum dramatischen
1:0 in Düsseldorf kam

Häfner wie nie
Stimmen zu den Münchener
Bier-Einsparungen

Saarpokal spannend
FC Saarbrücken und
Neuwirchen im Endspiel

Wochen-Kommenlose
J. Wolff, W. Bartz und
H. Kran haben das Wort

CAMPÕES DO GELO - 1950
Wilmberg, 8. November 1952
CENTRO ATLETICO DE MEMORIA

Cartazes europeus anunciando os jogos contra o Atlético Mineiro, em 1950.

Figura 15



Chegada da delegação atleticana em Belo Horizonte após a excursão para a Europa, em 1950.

Além da taça de Campeão do Gelo em 1950, o Atlético vai ser pentacampeão entre 1952 a 1956, fechando a década com o campeonato de 1958, resultando em seis títulos estaduais em apenas nove anos.

Figura 16

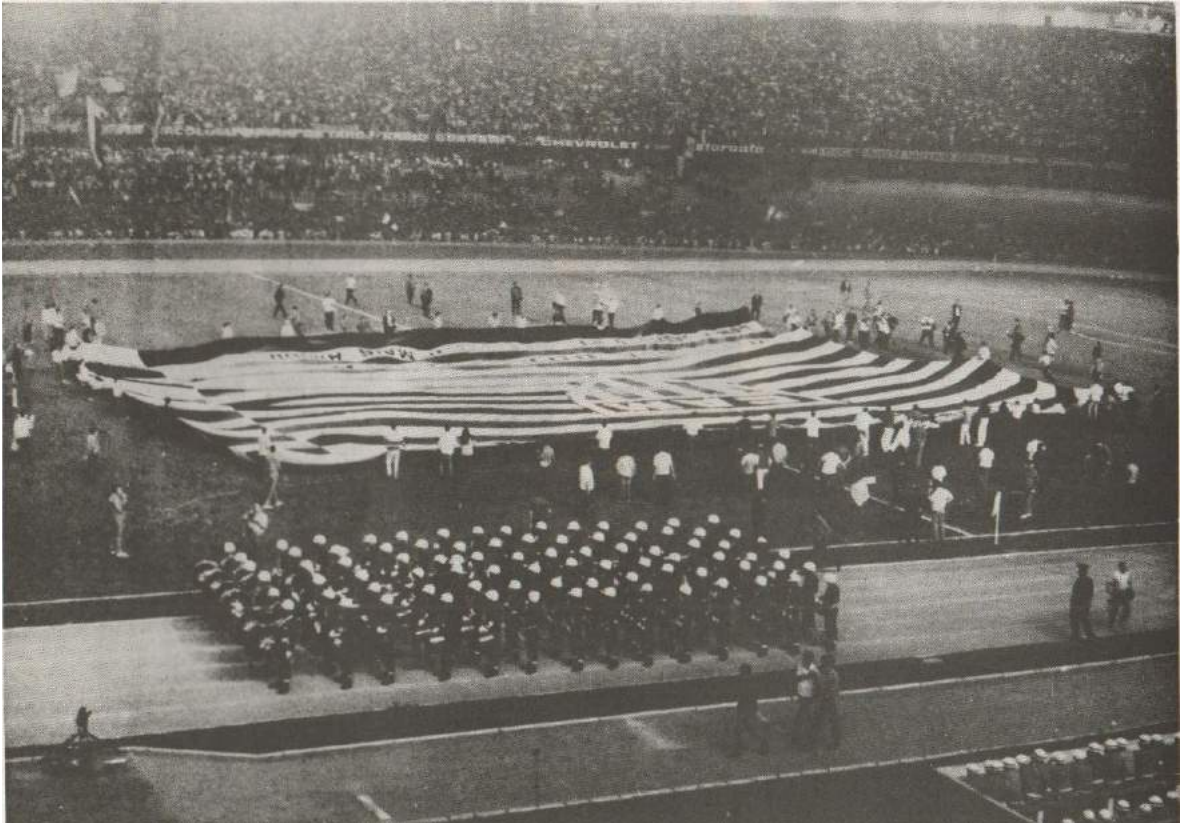


Reportagem sobre o tricampeonato mineiro do Atlético. Revista Alterosa, junho de 1955.

Após a fenomenal década de 1950 para a instituição alvinegra e seus torcedores, o período de 1960-1969 também vai ser marcado por feitos históricos e pioneiros do clube, que serviram para reforçar a mineiridade da agremiação e seus adeptos. Em 3 de setembro de 1969, vestindo o uniforme e representando a Federação Mineira de Futebol, o Clube Atlético

Mineiro se tornou a única equipe do mundo a derrotar a Seleção Brasileira que viria a conquistar o tricampeonato mundial, no México, no ano seguinte. Era Minas Gerais, na personificação do clube alvinegro, vencendo o Brasil.

Figura 17

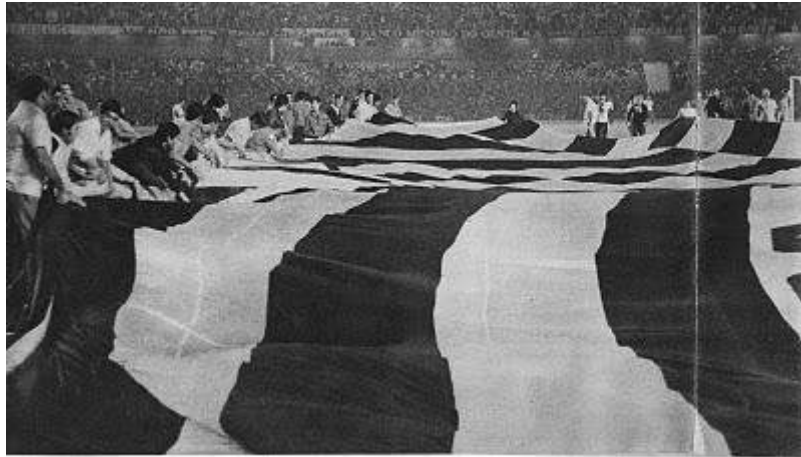


A maior bandeira de um clube já exibida no Brasil até 1969. Foi colocada no centro do Mineirão exatamente no dia da grande vitória de 2 a 1 sobre a Seleção da CBD, no dia 3 de setembro de 1969¹⁹.

Essa expressiva vitória atleticana sobre o selecionado de Pelé no Mineirão serviu como forte vínculo da mineiridade para os torcedores do clube. Minas Gerais era o Atlético, neste jogo, vencendo a melhor seleção de todos os tempos, de acordo com diversos historiadores e jornalistas. Uma vitória como aquela reforçava o orgulho de ser mineiro, de ser atleticano. Os atleticanos participavam da ideia de serem atleticanos, de serem mineiros e de se relacionarem e partilharem similaridades com outros iguais.

¹⁹ Foto: Enciclopédia do Atlético (1997).

Figura 18



Bandeirão do Atlético em jogo contra a Seleção Brasileira, 1969.

Por fim, 1971 foi o grande ano para o Clube Atlético Mineiro e sua Minas Gerais. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) organizou o que seria considerada a primeira edição do atual Campeonato Brasileiro, procurando englobar diversos clubes das várias regiões do país. Em um elenco repleto de craques como Dário, Oldair, Renato, Vantuir e demais atletas, o Atlético sagrou-se campeão em cima do Botafogo de Jairzinho, no Rio de Janeiro.

Figura 19



1971 - Atlético campeão brasileiro. Revista Manchete.

A conquista de 1971, assim como todas as outras, além de coroar um belo futebol do elenco atleticano, acirrou as rivalidades estaduais e nacionais e representou a mineiridade que o Atlético sempre buscava se aproximar. O Mineiro foi o melhor time de Belo Horizonte, o melhor de Minas Gerais e o melhor do país tricampeão do mundo. Um clube mineiro era

campeão nacional. Diante disso, a festa de comemoração na capital mineira alcançou proporções enormes.

Foguetes, bombas, gritos, buzinas e batucadas irromperam por todo lado na capital mineira. Os atleticanos ocuparam as ruas, as avenidas e os bares com suas bandeiras pretas e brancas. Lotações cheios se deslocava, no sentido bairro-centro” (BAËTA, 2012, p. 144).

2.3 O time do povo mineiro: a mineiridade expressa no instagram oficial do Clube Atlético Mineiro

Uma das formas que o Atlético exerce sua mineiridade para com os torcedores é através dos uso das redes sociais. O Instagram, uma das principais plataformas digitais do clube, é um aplicativo que permite a publicação de imagens e vídeos pelo perfil e o consequente engajamento dos torcedores que comentam, dão “like” nos *posts* (as fotos ou vídeos que um perfil compartilha) que gostam e salvam. O perfil oficial do clube (@atletico) possui 1,7 milhões de seguidores²⁰. Juntamente com o Twitter e Youtube, são as três plataformas que mais geram engajamento e retorno midiático para o clube. Rede social exclusiva para o compartilhamento de fotos, imagens e vídeos, a análise da mineiridade e da vinculação de elementos mineiros será feita com essa rede social. O recorte temporal que optamos para analisar os posts foi de 1 de agosto de 2020 a 10 de maio de 2021, período em que a presente pesquisa estava sendo produzida.

Logo na *bio* (a parte de cima do perfil do instagram, com as informações principais da conta) o Atlético já faz questão de marcar sua mineiridade: “O maior e mais tradicional clube de futebol de Minas Gerais”. É uma forma de fazer com que qualquer pessoa que entrar na página do instagram, saiba que o clube se intitula como o máximo representante do estado. De legitimar o discurso da mineiridade do Atlético.

Figura 20



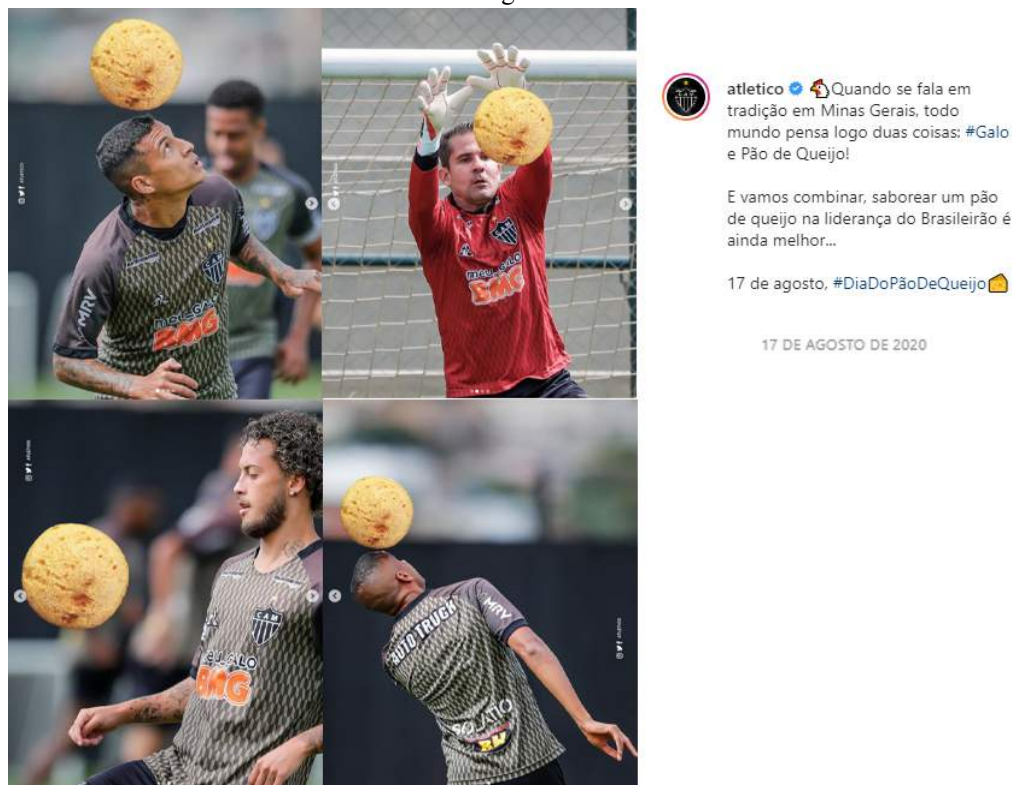
Instagram: @atletico²¹.

²⁰ Acesso em 06 mai. 2021.

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/atletico/>. Acesso em: 06 mai. 2021

A primeira postagem que evoca a mineiridade e os elementos tradicionais de Minas Gerais e da identidade regional é a postagem do dia 17 de agosto de 2020. Nessa data comemora-se o Dia Nacional do Pão de Queijo²², uma tradicional receita de Minas Gerais. Nesta ocasião, os fotógrafos oficiais do clube fotografaram alguns jogadores do elenco treinando e substituíram a bola de futebol por grandes pães de queijo. Além disso, na legenda, o administrador da conta escreve: “Quando se fala em tradição em Minas Gerais, todo mundo pensa logo duas coisas: #Galo e Pão de Queijo”. Dessa forma, o perfil oficial do Atlético quer passar aos torcedores - e seguidores - a tradicionalidade de Minas Gerais com a representação do pão de queijo, como também, vincular a ideia de que o clube é tradicional em Minas Gerais.

Figura 21



Instagram: @atletico²³.

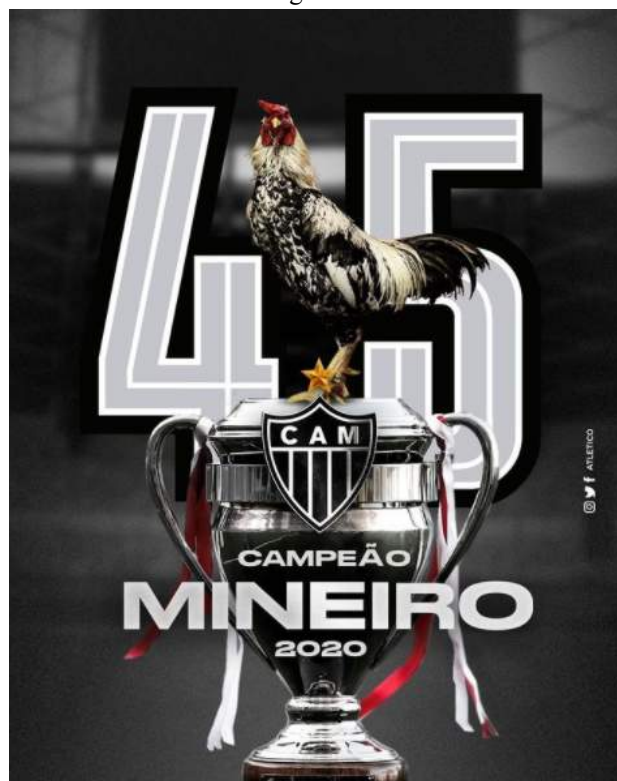
Ainda em agosto, o Atlético jogou as finais do Campeonato Mineiro de 2020, contra a Tombense, um clube de futebol de Tombos, no interior de Minas Gerais. A partida final aconteceu em 30 de agosto e, naquela ocasião, o clube sagrou-se campeão mineiro pela 45ª vez, comemorando nas plataformas digitais do clube, usando os simbolismos mineiros e

²² Fonte: <https://anamariabraga.globo.com/materias/variedades/dia-do-pao-de-queijo/>. Acesso em 06 mai. 2021.

²³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CD_8hasFDLd/. Acesso em: 06 mai. 2021

regionais. Três *posts* chamam a atenção, tanto pela imagem quanto pela legenda utilizada pelo clube. Na primeira imagem, temos a frase “campeão mineiro” em destaque juntamente com o galo, mascote oficial do clube, acompanhados de uma legenda que acrescenta a #oMaiorCAMpeãoMineiro, fortalecendo a honra de ser o maior campeão estadual. Na segunda imagem, temos a foto oficial do título, com o capitão Réver segurando a taça acompanhado dos jogadores do elenco, todos felizes e comemorando; na legenda: “Tudo normal em Minas” em caixa alta, invocando que a normalidade é ter o Atlético sendo campeão mineiro. Por fim, ainda nos *posts* da final do campeonato mineiro, em 31 de agosto de 2020, um dia após a final, é postada uma imagem do escudo do clube com os dizeres “o maior campeão mineiro”, lembrando a estética da bandeira oficial de Minas Gerais, com o triângulo central e as frases ao redor do triângulo. Uma junção do escudo do clube, a bandeira de Minas e a frase.

Figura 22




 atletico 🏆 [▲] 45 VEZES
 CAMPEÃO MINEIRO! #AquiÉGalo.
 #oMaiorCAMpeãoMineiro! 🇧🇷🇧🇷 30 DE AGOSTO DE 2020

Instagram: @atletico²⁴.

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEhyDYUI7L0/>. Acesso em 06 mai. 2021.

Figura 23



atletico ✓ TUDO NORMAL EM MINAS! 🏆 [▲]

30 DE AGOSTO DE 2020

Instagram: @atletico²⁵.

Figura 24



atletico ✓ Para você, qual foi o craque do Campeonato Mineiro? Comente aqui. 🗨️ 🗨️

31 DE AGOSTO DE 2020

Instagram: @atletico²⁶.

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEh2WK5lfgk/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

²⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEkeE2QFV-G/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

Em 02 de dezembro, é comemorado o aniversário de Minas Gerais. No ano de 2020, o estado completou 300 anos e essa data histórica também foi lembrada no perfil do Instagram do Atlético. Apenas no dia do aniversário, o clube postou três vezes sobre a data. Na primeira imagem postada, temos alguns elementos visuais que carregam a mineiridade e o atleticanismo: as casas e igrejas de arquitetura barroca tão presentes em Ouro Preto, Mariana, São João Del Rey e as demais cidades históricas no interior do estado; temos o galo em destaque também, mascote oficial do clube; temos o escudo do clube mais embaixo da imagem acompanhado da frase “Minas Gerais, nosso terreiro”, ecoando a ideia de que Minas Gerais é o terreiro do Atlético, a casa do Galo. A legenda chama a atenção, com um pequeno texto que caracteriza Minas como um estado que mantém tradições, que o povo tem orgulho de ser mineiro, que é a terra do cafézinho com pão de queijo, do feijão tropeiro, doce de leite, com belezas naturais e cidades históricas. Conclui o texto da legenda reforçando: “enorme orgulho te carregar em nosso nome há mais de um terço de sua história”. Com esse *post* é possível percebermos a construção simbólica e a vinculação da mineiridade com o atleticanismo, seja na imagem ou na legenda, o Atlético está sempre reforçando o orgulho mineiro e a expressão da mineiridade nas suas plataformas digitais.

Figura 25

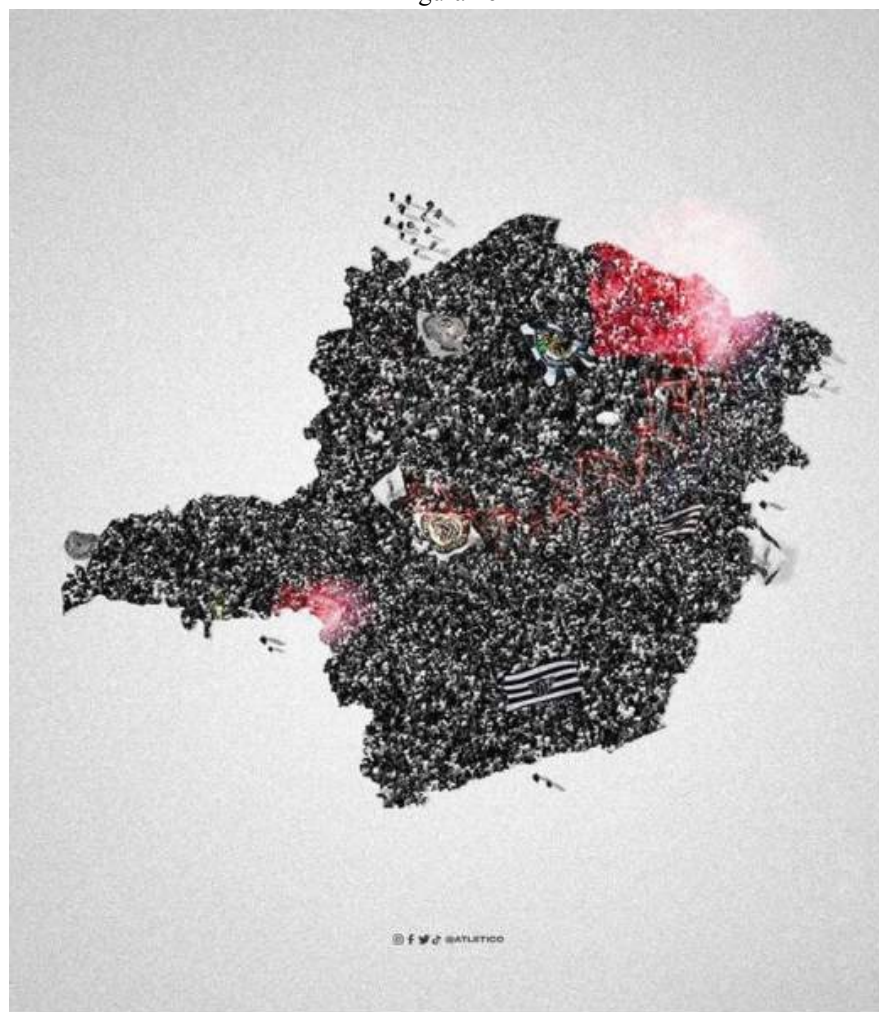


Instagram: @atletico²⁷.

²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CISz5cBI9nT/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

Na segunda imagem, ainda em comemoração aos 300 anos de Minas Gerais, há o desenho geográfico do estado mineiro preenchido por torcedores e torcedoras atleticanos, com bandeiras e sinalizadores, uma atmosfera similar com a recepção do elenco atleticano pelos torcedores em dias de jogos. Na legenda, a frase: “Minas é #Galo”, também trabalhando a ideia de que o clube é a personificação do estado e da cultura mineira. Acompanhando a legenda, temos uma pergunta interativa no post: “Comente aqui, você é mineiro de qual cidade?”, dessa forma, o clube está buscando engajamento em seu perfil, como também, evocando a ideia de pertencimento à Minas Gerais com os seus torcedores.

Figura 26



atletico  Minas é #Galo! [▲]
#Minas300Anos

Comente aqui, você é mineiro de qual cidade?

2 DE DEZEMBRO DE 2020

Instagram: @atletico²⁸.

²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CITD-kcldoB/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

Por fim, na terceira imagem postada no dia 02 de dezembro de 2020, o perfil oficial do Atlético no Instagram, vai trabalhar um dos principais traços de mineiridade dentro do clube: o nome Mineiro. A arte é composta por manchetes de vários jornais internacionais que chamam o clube de “Mineiro” ao publicar reportagens sobre jogos e informações do Atlético. Temos manchetes em espanhol e inglês, todos utilizando o termo “Mineiro” para falar do clube. Ainda na arte, temos o galo em cima do globo terrestre marcando território; ainda está presente uma pequena bandeira de Minas Gerais no canto inferior direito da imagem. Na legenda, um pequeno texto que reforça o que está sendo passado na imagem de carregar o adjetivo pátrio no nome oficial do clube. No trecho: “Já vestimos o vermelho presente em sua bandeira para fazer história”, o clube está lembrando a vitória do Atlético sobre a Seleção Brasileira de Pelé, em 1969, em que jogou de vermelho. E por fim, declara que as raízes do clube sempre foram mineiras, que o Atlético é Mineiro, “mineiro de verdade”.

Figura 27



Instagram: @atletico²⁹.

No dia 06 de dezembro, o Atlético jogou contra o Internacional pela 24ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2020, em Belo Horizonte. Naquela oportunidade, o clube adotou um *patch* (emblema) exclusivo no uniforme de jogo em comemoração ao aniversário de 300

²⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CITKLDXJbKi/>. Acesso em 06 mai. 2021.

anos de Minas Gerais, quatro dias atrás. O emblema possui “Minas” e “300 anos”, sendo também uma forma de marcar o aniversário do estado e vinculá-lo ao clube. Todos os uniformes possuem o patch, sendo usado apenas naquele jogo.

Figura 28



atletico    Manto preparado no vestiário alvinegro!

Vamos, #Galo! #CAMxINT  

6 DE DEZEMBRO DE 2020

Instagram: @atletico³⁰.

Ainda na análise dos *posts* do Instagram do Atlético que vincule a mineiridade ao atleticanismo, no dia 12 de dezembro de 2020, o perfil oficial do clube postou um vídeo de 1m41s comemorando o aniversário da capital mineira, Belo Horizonte. No vídeo, são mostrados vários pontos turísticos e históricos da cidade de Belo Horizonte, como a Praça do

³⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CId_jA0lpJo/. Acesso em: 06 mai. 2021.

Papa, a Lagoa da Pampulha, a Praça Raul Soares, a Praça Sete, a Estação Ferroviária, o centro da cidade, o Mineirão, o horizonte de prédios, a sede do Atlético e mais. Acompanhando o vídeo, uma pequena legenda romantizando a fundação do clube mineiro com a história da capital e como seus caminhos se cruzam. A legenda acaba com a frase: “Belo Horizonte, o berço do atleticanismo”.

Figura 29



Instagram: @atletico³¹.

No dia 19 de dezembro de 2020, foi disputada a final do Campeonato Mineiro Feminino de 2020. Atlético Mineiro e Cruzeiro, o maior rival, foram os finalistas de uma edição histórica, tendo as Vingadoras (como é chamada a equipe feminina do Atlético) como as grandes campeãs. Foi postada uma foto do elenco campeão com o troféu e as medalhas, comemorando o título. Na legenda, a frase “as próprias donas do estado”, passando a imagem de que o Atlético é o dono do estado, é a representação da mineiridade. O *post* com a legenda ainda faz mais sentido quando a equipe derrotada é o maior rival do clube, o Cruzeiro.

³¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CismXxnrUA9/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

Figura 30



atletico As próprias donas do estado! 🐔 🏆 #Vingadoras @galoffeminino

19 DE DEZEMBRO DE 2020

Instagram: @atletico³².

Um carrossel (mais de uma foto em um post) é postado no dia 20 de dezembro, um dia após a final do campeonato mineiro feminino. No *post*, as fotos da equipe feminina e masculina comemoram o título de campeões mineiros de 2020. A legenda “Minas Gerais, nosso terreiro” reforça a hegemonia atleticana dentro do estado, como também, marca território, demonstrando o domínio atleticano no estado mineiro.

Figura 31



Instagram: @atletico³³.

³² Disponível em: https://www.instagram.com/p/CI_OsEVlZUI/. Acesso em: 06 mai. 2021.

³³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJBhsX9FgqN/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

O argentino Ignacio Martín Fernández, conhecido como Nacho Fernández, principal jogador da América do Sul dos últimos quatro anos, é especulado no Atlético Mineiro a partir do início de 2021. Com a contratação praticamente acertada, o perfil oficial do clube posta no dia 20 de fevereiro uma imagem de uma mesa de café, com uma bacia de pão de queijo - uma das principais receitas mineiras - e uma bacia de nachos, uma comida popular nos Estados Unidos e México, com o Galo Volpi, um dos símbolos oficiais do clube. Além das comidas, as bandeiras estão presentes e um guardanapo com a logotipo do Galo na Veia, o programa de sócio-torcedor do clube. Na legenda, a frase “você gosta dessa combinação?” em espanhol. Para anunciar uma das principais contratações do ano, o clube usou de elementos mineiros: o pão de queijo, a *hashtag* #NachoMineiro, a mesa de café, tão característica do povo mineiro.

Figura 32

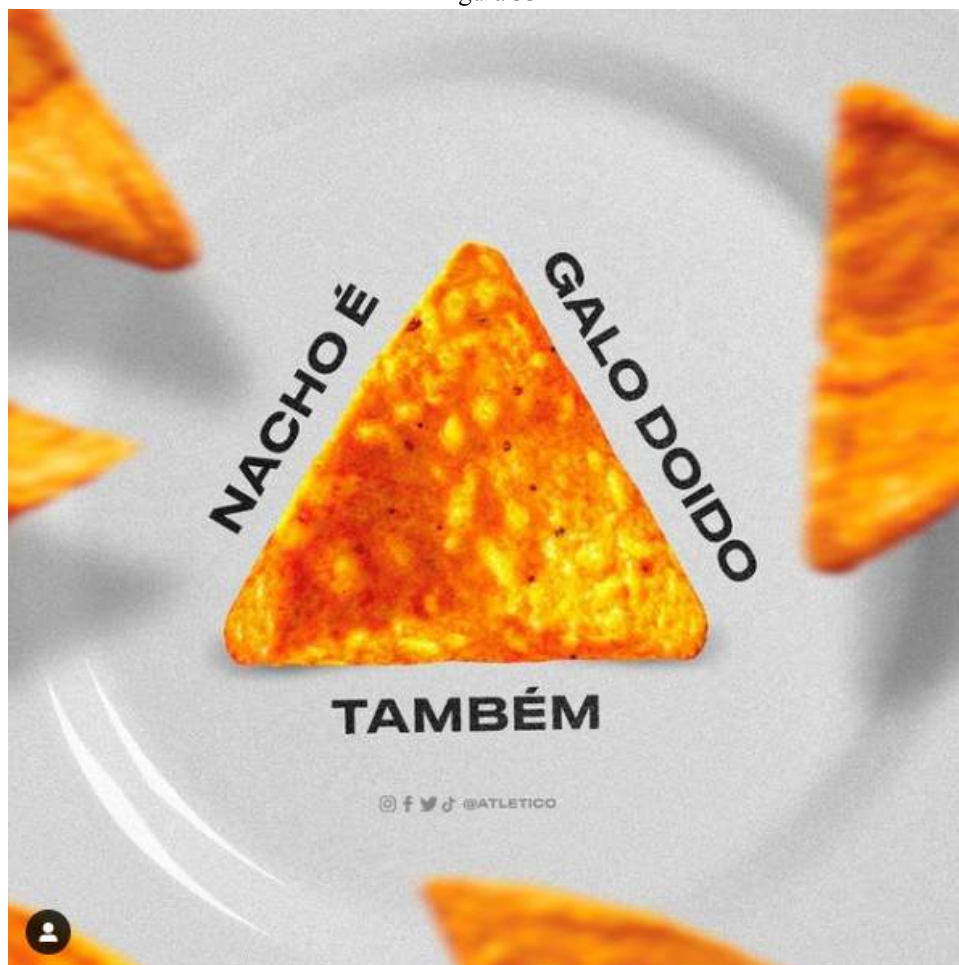




Instagram: @atletico³⁴.

³⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLhVtaxMgX7/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

O *post* da contratação oficial do jogador veio no mesmo dia, 20 de fevereiro, também usando elementos tradicionalmente mineiros. Mais uma vez, o instagram do clube manipula alguns elementos mineiros - neste caso, a bandeira oficial do estado - a seu favor. O nacho vira o triângulo vermelho e os dizeres “Libertas quae sera tamen” passam a ser “Nacho é Galo Doido também”. A bandeira de Minas Gerais é usada para anunciar a contratação do jogador Nacho Fernández.

Figura 33



atletico   Com a força do sócio
@galonaveia , Ignacio Fernández é
#NachoMineiro!

#AgoraÉaHora 

20 DE FEVEREIRO

Instagram: @atletico³⁵.

Mais uma vez, o perfil oficial do clube vai manipular elementos mineiros para passar uma ideia. No dia 4 de março de 2021, na segunda rodada do Campeonato Mineiro 2021, é

³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLhciYvjSdb/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

postada uma imagem que remete, novamente, à bandeira de Minas Gerais. O triângulo vermelho agora possui o escudo da agremiação e os dizeres “Libertas quae sera tamen” passam a ser “O maior campeão mineiro”, a principal frase que o clube adota durante a temporada do campeonato estadual.

Figura 34



atletico [▲]
#oMaiorCAMpeãoMineiro

4 DE MARÇO

Instagram: @atletico³⁶.

³⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMAzsLOlmLx/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

O Clube Atlético Mineiro foi fundado em 25 de março de 1908. Desde sua fundação, o clube sempre carregou o nome e orgulho mineiro em sua história, sendo um representante à altura do estado de Minas Gerais. Assim, em 25 de março de 2021, o clube comemorou seus 113 anos com uma série de postagens no Instagram, sendo uma delas um carrossel - quando é postado mais de uma foto em um mesmo *post* - do elenco que deu o primeiro título do futebol mineiro, a Taça Bueno Brandão em 1914. Com esse resgate imagético histórico, o clube está trazendo à memória do torcedor mais jovem toda sua tradicionalidade e importância dentro de Minas Gerais. Foi o campeão do primeiro torneio de futebol disputado em terras mineiras e, desde 1946, é o maior campeão mineiro.

Figura 35



Instagram: @atletico³⁷.

Um dia após o aniversário de 113 anos, é postada uma foto de três camisas do clube que, juntas, formam o 113 com a numeração. A foto foi tirada em Ouro Preto, uma das principais cidades mineiras da história, berço fundamental no ciclo do ouro. Na legenda: a *hashtag* oficial do aniversário e a frase “o mais popular de Minas Gerais”. A foto, tirada por um torcedor atleticano, representa a mineiridade do clube e dos torcedores de forma sutil: três camisas juntas que formam o 113 e o plano de fundo sendo uma igreja de arquitetura barroca em Ouro Preto; no entanto, mesmo de forma sutil, reforça a tradição, a história, o simbolismo e a mineiridade que o Atlético está, constantemente, trabalhando em sua identidade organizacional.

³⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CM14ViYHg52/>. Acesso em 06 mai. 2021.

Figura 36



atletico   #Galo113Anos: o mais popular de Minas Gerais!  

 @hugocastelani

26 DE MARÇO

Instagram: @atletico³⁸.

Em 6 de abril de 2021, o perfil oficial do Atlético anuncia a contratação via empréstimo do jogador Tchê Tchê. O meio-campista nascido em São Paulo, é anunciado pelo clube por meio de um pequeno vídeo, que conta com a participação do *influencer* mineiro Gustavo Tubarão, torcedor do Atlético e que ganhou fama nas redes sociais por fazer vídeos de e sobre Minas Gerais, como também, por representar em seus vídeos o mineiro caricato e estereotipado, o sujeito da roça, que fala as gírias mineiras e com sotaque carregado, gosta de pão de queijo e café, etc. No vídeo, o *influencer* tira algumas dúvidas com o jogador utilizando várias formas de falar que são, constantemente, cunhadas ao falar do sujeito mineiro: “aô”, “cê é fi di quem, sô?”, “uai”, “bora”, termos que são utilizados corriqueiramente pelo povo mineiro.

³⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CM4gpDMFiZh/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

Figura 37



Instagram: @atletico³⁹.

Por fim, a última postagem do recorte temporal estabelecido que dialoga a mineiridade dentro do atleticanismo foi feita no dia 19 de abril. Para marcar o início da trajetória do clube em mais uma edição da Conmebol Libertadores da América, a principal competição interclubes da América do Sul, o perfil do clube postou uma arte em que manipula a parte de cima do troféu da Libertadores, com a defesa de pênalti do goleiro Victor na Libertadores de 2013 contra o Tijuana-MEX, além do formato do escudo do clube e o mapa da América do Sul; está presente na arte a frase “Continente Atlético”, uma vez que é uma competição continental e, o que chamamos atenção, o termo “El Mineiro”, na parte superior da arte, identificando o clube como “o mineiro”, similar à uma postagem anterior do clube, no dia 2 de dezembro de 2020. A legenda ainda reforça: “Somos o Mineiro e vamos pela #GlóriaEterna” em espanhol, usando o adjetivo pátrio como forma de identificação do clube, uma forma de carregar o orgulho e as raízes para o continente.

³⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNVSVE3gwh3/>. Acesso em 06 mai. 2021.

Figura 38



atletico  ¡Somos El Mineiro y vamos por la #GloriaEterna! Pra cima deles, #Galo!     #ContinenteAtleticano

19 DE ABRIL

Instagram: @atletico⁴⁰.

Durante esses dez meses, separamos 18 postagens no perfil oficial do Atlético no Instagram, como uma forma de analisar a mineiridade do clube e como este expressa a identidade regional em seus seguidores - e torcedores. Os elementos que o perfil mais adota para expressar a mineiridade são: o adjetivo pátrio; a manipulação da bandeira oficial de Minas Gerais para passar uma mensagem; a hegemonia no futebol mineiro e a valorização da

⁴⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CN2a0AQg7AL/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

tradição e cultura mineira. O clube expressa uma mineiridade de diferentes formas como vimos nessa pesquisa e as redes sociais são apenas mais uma plataforma para a construção do simbolismo regional nos torcedores.

Considerações finais

As identidades só existem em relação a outras identidades (CUCHE, 2002), assim como as torcidas para um determinado clube de futebol só existem a outras torcidas. As identidades em jogo no contexto futebolístico são várias: identidades de pertencimento, a não-identidade, as identidades culturais e mais. No caso do atleticano, sua identidade está pautada em pertencer à comunidade imaginada do clube alvinegro, em não ser cruzeirense nem americano, em possuir a identidade de sua cultura local. É no jogo das identidades que o Clube Atlético Mineiro manifesta as várias identidades amalgamadas em sua institucionalidade: a atleticana, a mineira e as não-identidades. Todos os feitos e pioneirismos ajudaram a alavancar o sentimento de pertencimento à Minas Gerais e à comunidade imaginada do Atlético. Seus torcedores jamais conhecerão toda a totalidade da torcida e, mesmo com fronteiras invisíveis, ainda se enxergam como partes de uma comunidade fraternal de compartilhamento de experiências e culturas, de um lugar comum: Minas Gerais.

O Atlético foi fundado pouco mais de dez anos após a fundação da capital; por ser uma cidade em formação, era recheada de canteiros de obras e terrenos vazios, tornando os campos para a prática do futebol para os garotos do Atlético; o clube alvinegro foi campeão dos primeiros torneios futebolísticos do estado, em um importante período de construção identitária de ambas as partes. Se de um lado, Belo Horizonte e o estado de Minas Gerais se estruturaram, industrializaram e desenvolveram suas bases político-econômicas com a ascensão de Juscelino Kubitschek no governo de Minas, o clube também alçou novos voos, com a inédita excursão para a Europa em 1950, abrindo as portas do velho continente para o futebol brasileiro, além da expressiva vitória do selecionado do Atlético sob a Seleção Brasileira de 1969, se tornando a única equipe do mundo a derrotar o plantel que conquistaria o tricampeonato mundial, no México⁴¹.

Segundo a tradição construída em torno do clube, o Galo teria sido, dentre as agremiações de Belo Horizonte, aquela que melhor se adaptou às transformações da cidade em seus cinquenta primeiros anos. De uma capital povoada por funcionários públicos a uma metrópole com pessoas das mais diferentes origens e realidades econômicas. Nessa nova conjuntura, o Atlético teria sido capaz de abandonar sua marca de associação elitizada, formada por jovens das classes média e alta, para tornar-se um clube popular, o time do povo, capaz de mexer com a paixão de toda uma massa (RIBEIRO, 2012, p. 7).

Na presente pesquisa, além de uma ampla descrição dos principais títulos conquistados pelo Atlético durante o recorte temporal estabelecido - 1930 a 1970 -,

⁴¹ Para acessar: <https://atletico.com.br/paginas/historia>.

analisamos também os conceitos de identidades, mineiridade, futebol e comunidades. A experiência do torcer por alguma equipe está atrelada ao pertencimento identitário e este começa a surgir nas primeiras décadas do século XX, quando o futebol é introduzido no país. Com a fundação do Atlético, suas conquistas e consequente hegemonia em Minas Gerais, a experiência do torcer se viu, não só atrelada à uma identidade coletiva por parte dos torcedores, como também, à uma identidade regional, uma vez que o Atlético cresce concomitante com uma Belo Horizonte jovem, uma Minas Gerais moderna. Para Stuart Hall (2006), as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. É diante disso que a identidade mineira é vinculada ao torcedor do Atlético: o atleticano forma sua identidade mineira e se transforma, se reconhece como mineiro, à medida que se relaciona com outros adeptos do clube mineiro e encontra no Atlético a representação máxima de sua mineiridade.

O Atlético era o garoto de calças curtas, blusa aberta ao peito, ingênuo, pequeno, procurando o caminho da glória. Ambos se completaram magnificamente. Belo Horizonte de menina passou a moça. Linda, bela, fada sedutora, fascínio encantada de todo o Brasil. O garoto ingênuo transformou-se no Hércules da força e do triunfo, monopolizador da atenção do povo, instalou-se no coração do povo e confundindo-se com a moça de beleza enfeitiçada, com ela uniu-se e do casamento cidade e clube, nasceram os filhos da grande Belo Horizonte que constituem a esmagadora maioria de fanáticos torcedores do Campeão Brasileiro de 1937 e 1971 (ZILLER, 1997, p. 264).

O objetivo do trabalho foi relacionar o Atlético não apenas como um construtor de identidades, mas o construtor de uma identidade específica: a mineira. Para tanto, a análise da história, feitos e símbolos do clube foram feitas, uma vez que estes podem ser vistos como forma de representação cultural e comunicador de uma ideia.

Encerramos retomando a frase de José Reinaldo de Lima, o Rei: o Atlético é o maior sentimento de Minas. Dessa Minas polifônica e heterogênea, reconhecida pelo tradicionalismos e laços familiares bem consolidados, o Atlético se faz presente na grande comunidade de torcedores apaixonados pelo clube e pelas alterosas.

Referências Bibliográficas

ALVES, R. O. T.; SILVA, S. R. da; MAYOR, S. T. S.; SOUZA NETO, G. J. de. “O clássico dos clássicos” das alterosas mineiras: a invenção da rivalidade futebolística entre Athletico e Palestra . Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 703-721, 2016. DOI: 10.1590/1807-55092016000300703. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/122938>. Acesso em: 9 maio. 2021.

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* / Benedict Anderson; tradução Denise Bottmann - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Iara. Algumas reflexões sobre o conceito de identidade nacional. In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO, 2010, Rio de Janeiro. Anais [...] . Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2010. p. 1-11.

ARAÚJO, Laís Corrêa. Mineirice-mineiridade-mineiriana. *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v. 9, n. 405, p. 5, jun. 1974.

BAÊTA, M. 1971: o ano do Galo. São Paulo: Panda Books, 2012, 184 pp.

CAMPOS, J. O.; MAFRA, R. L. M. "Das minas de ouro e das montanhas gerais": a representação do Terra de Minas sobre a identidade mineira. LUMINA, Juiz de Fora, v. 12, ed. 2, p. 188-206, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/%E2%80%9CDas-minas-de-ouro-e-das-montanhas-gerais%E2%80%9D%3A-a-do-de-Campos-Mafra/47348311b015e2844098cba4e8075d3fa92d99c6>. Acesso em: 1 mar. 2021.

CARVALHO, José Murilo de. Ouro, terra, ferro: as vozes de Minas. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

COSTA, António S. Abordagem sócio-antropológica do futebol em Portugal, país de futebol. In: **Futebol de muitas cores e sabores - Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo**, 1º Edição, Universidade do Porto, 2004.

COUTO, Euclides de Freitas. Conflito e integração social: paradoxos do futebol em Belo Horizonte (1908-1927). In: COUTO, Euclides de Freitas. Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927). Orientador: Profª. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - PUC Minas, 2007.

COSTA, Fernanda Miranda Alves; NARCOLINI, Marildo José. A representação da mineiridade: o corpo e o galpão das Gerais. VI Enecult: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, 2010.

CUCHE, D. A noção de cultura na ciências sociais. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DAMATTA, R. (1994). Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP, (22), 10-17. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17>.

DIAS, Fernando Correia. C. Mineiridade: construção e significado atual. Ciência & Trópico, v. 13, n. 1, 9 jun. 2011.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. Rev. adm. contemp., Curitiba, v. 10, n. 1, p. 55-72, mar. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552006000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 1 mar. 2021.

FILHO, Mario Leite Rodrigues. O negro no futebol brasileiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 360 p. ISBN 85-7478-096-0.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*. São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRAUSE, Guilherme Kurtz. O futebol como um meio construtor de identidades. Orientador: Alberto de Oliveira Monteiro. 2010. 48 p. Trabalho de Conclusão de Graduação (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27741>. Acesso em: 1 mar. 2021.

LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas (Ensaio de Sociologia Regional Brasileira)*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MACHADO, Hilka Vier. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. *Rev. adm. contemp.*, Curitiba, v. 7, n. spe, p. 51-73, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552003000500004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 1 mar. 2021.

OLIVEIRA, A. F. DE. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. *RBF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 4, n. 13, 24 nov. 2012.

Oliveira Viana. *Pequenos ensaios de Psicologia Social*. S. Paulo, Lobato & Cia., 1921. Especialmente o cap. II, "Minas do pio e do lume".

Otávio Soares Dulci. "As elites mineiras e a conciliação". In: ANPOCS, *Ciências Sociais Hoje*. 1984.5. Paulo, Cortez Ed., p. 7 ss.

PERNISA, Mila Barbosa. A construção simbólica da identidade mineira no telejornal da Rede Minas. Dissertação. Programa de Pós Graduação em comunicação da UFJF. Mestrado em Comunicação. Juiz de Fora, agosto de 2011.

PRECIOSO, Maria Luiza Venâncio. A formação identitária atleticana influenciada pelo hino do Clube Atlético Mineiro. Orientador: Dr. James William Goodwin Júnior. 2018. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) - CEFET-MG, Belo Horizonte, 2018.

RAMALHO, W. S. C. Uma história da mineiridade: o sentido "essencialista" de uma representação. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, XIX., 2014, UFJF. Profissão Historiador: Formação e Mercado de Trabalho [...]. Juiz de Fora: Anpuh-MG, 2014.

REIS, José Carlos. As identidades do Brasil 3: de Carvalho a Ribeiro: história plural do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. 376 p. ISBN 978-85-225-1905-7.

REIS, L. M. Mineiridade: identidade regional e ideologia. Cadernos de História, v. 9, n. 11, p. 89-98, 1 maio 2007.

RIBEIRO, Raphael Rajão. A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Orientador: Dr^a Maria Eliza Linhares Borges. 180 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Clubes de futebol e espaço urbano: o Galo e a capital de Minas. Encontro Regional de História da Anpuh-RIO, São Gonçalo, p. 1-9, 2012.

ROCHA, S. M. Identidade regional, produção e recepção: A "mineiridade" na televisão. In: ROCHA, S. M. Compós: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1026.PDF. Acesso em: 1 mar. 2021.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. Revista Tempo: Uma história do esporte para um país esportivo, [s. l.], v. 19, n. 34, p. 19-31, jan/jun 2013.

SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da (org.). O futebol nas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 261 p. ISBN 978-85-7041-937-8.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002)”. In: Bib – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. São Paulo, n. 52, p. 133-65, 2º semestre de 2001.

ZILLER, Adelchi Leonello. Enciclopédia Atlético de Todos os Tempos. Belo Horizonte: Clube Atlético Mineiro, 1997.